

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

OSIEL LOURENÇO DE CARVALHO

HERMENÊUTICAS CONTEMPORÂNEAS: A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA A PARTIR DA
ACADEMIA, DA IGREJA CATÓLICA, DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS, DA
TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E DA ASSEMBLÉIA DE DEUS

São Leopoldo
2010

OSIEL LOURENÇO DE CARVALHO

HERMENÊUTICAS CONTEMPORÂNEAS: A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA A PARTIR DA
ACADEMIA, DA IGREJA CATÓLICA, DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS, DA
TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E DA ASSEMBLÉIA DE DEUS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do Grau de Mestre em
Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Leitura e Ensino da Bíblia

São Leopoldo
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C331 h Carvalho, Osiel Lourenço de
Hermenêuticas contemporâneas: a interpretação
Bíblica a partir da academia, da Igreja Católica, da
Igreja Universal do Reino de Deus, da teologia da
Libertação e da Assembleia de Deus / Osiel Lourenço
de Carvalho ; orientador Flávio Schmitt. – São Leopoldo
: EST/PPG, 2010.
59 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Bíblia – Hermenêutica. 2. Bíblia – Crítica,
Interpretação, etc. – História. I. Schmitt, Flávio. II. Título

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

RESUMO

Uma análise das hermenêuticas acadêmica, neopentecostal, católica, contextual e pentecostal. A primeira parte, aborda o surgimento e principais características do método histórico crítico, o qual recebeu influência do iluminismo e racionalismo. Este método é caracterizado pelo uso de ciências auxiliares com a arqueologia e história, com o objetivo de determinar a historicidade dos textos bíblicos. A igreja Universal do Reino de Deus, representante maior no movimento neopentecostal brasileiro mudou desenvolveu uma maneira particular de ler a Bíblia. Se o método histórico crítico enfatiza que é preciso determinar a intenção original do autor bíblico, os exegetas da igreja Universal do Reino de Deus não têm essa preocupação. Sua finalidade primária é atualizar o texto bíblico, a fim de atender as necessidades do tempo presente. Fazem um uso maior textos do Antigo Testamento para consubstanciar a chamada Teologia da Prosperidade, pois segundo os expositores bíblicos da Universal, todo filho de Deus tem direito de prosperar. No que se refere a interpretação bíblica na igreja católica, é muito diversificada, porém a hermenêutica do catolicismo será abordada de acordo com as Providentissimus Deus e Divino Afflante Spiritu, bem como as resoluções no que tange a interpretação bíblica aprovadas no Concílio Vaticano II. A chamada hermenêutica contextual, procura aplicar o texto bíblico com o objetivo de diminuir as mazelas sociais, pois segundo os exegetas dessa hermenêutica, Deus sempre se coloca ao lado de grupos sociais discriminados como os pobres, as mulheres e os negros. A maior igreja pentecostal brasileira já é quase centenária, todavia a interpretação bíblica nessa denominação evangélica não foi sistematizada. Um dos motivos foi que nos primeiros anos da implantação da Assembleia de Deus no Brasil, apregoava-se que o entendimento correto da Bíblia viria a partir de uma iluminação especial do Espírito Santo. Todavia, observa-se que a grupos dentro da Assembleia de Deus que enfatizam a necessidade de usar recursos auxiliares na interpretação bíblica. A segunda parte acontece uma análise crítica das hermenêuticas descritas, pois nenhuma delas pode ser considerada como superior, pois todas elas têm pontos positivos e negativos. Em razão disso, propõe-se um diálogo entre as hermenêuticas, tendo em vista que mesmo que não se perceba esse diálogo já acontece na prática. Sendo assim, no final há uma descrição de como os Pais da Igreja liam a Bíblia, e que contribuições isso pode trazer aos interpretes contemporâneos das Escrituras.

ABSTRACT

An analysis of academic hermeneutics, Pentecostal, Catholic, newpentecostal and contextual. The first part considers the emergence and main characteristics of the historical critical method., Which received the influence of the Enlightenment and rationalism. This method is characterized by the use of auxiliary sciences with archeology and history, with the objective of determining the historicity of the biblical texts. The Universal Church of the Kingdom of God, the greatest representative of Brazilian neo-Pentecostal movement has changed has developed a particular way of reading the Bible. If the historical critical method emphasizes that one must determine the original intent of the biblical author, exegetes of the Universal Church of the Kingdom of God have no such concern. Their primary purpose is to update the biblical text in order to meet the needs of our time. Make greater use Old Testament texts to substantiate the so-called prosperity theology, because according to the Bible expositors of Universal, every child of God has the right to prosper. With regard to biblical interpretation in the Catholic church is very diverse, but the hermeneutic of Catholicism will be addressed in accordance with the Divine God and Providentissimus Afflante Spiritu, as well as the resolutions in regard to biblical interpretation adopted at Vatican II. The so-called contextual hermeneutics, seek to apply the biblical text in order to reduce the social ills, because according to the scholars of hermeneutics, God always stands next to broken social groups like the poor, women and blacks. The largest Pentecostal church in Brazil is almost one hundred years, yet the biblical interpretation that evangelical denomination was not systematized. One reason was that in the first year of implementation of the Assembly of God in Brazil, alleged that the correct understanding of the Bible come from a special illumination of the Holy Spirit. However, it is observed that the groups within the Assemblies of God that emphasize the need to use auxiliary resources in biblical interpretation. The second part takes place a critical analysis of hermeneutics, because neither can be regarded as superior because they all have pluses and minuses. For this reason, we propose a dialogue between hermeneutics, considering that even if he does not realize that dialogue is already happening in practice. So in the end there is a description of how the Fathers read the Bible, and what contributions it can bring to contemporary interpreters of Scriptures.

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 HERMENÊUTICAS CONTEMPORÂNEAS.....	8
2.1 Hermenêutica Acadêmica.....	8
2.2 Hermenêutica Neopentecostal.....	13
2.3 Hermenêutica Católica.....	18
2.4 Hermenêutica Contextual.....	23
2.4.1 Hermenêutica da Libertação.....	23
2.4.2 Hermenêutica Feminista.....	24
2.4.3 Hermenêutica Negra.....	27
2.5 Hermenêutica Pentecostal.....	28
3 AVALIAÇÃO DAS HERMENEUTICAS CONTEPORÂNEAS.....	33
3.1 A leitura da Bíblia a partir dos Pais da Igreja.....	33
3.2 Avaliação do Método Histórico Crítico.....	40
3.3 Avaliação na Hermenêutica Neopentecostal.....	45
3.4 Avaliação da Hermenêutica Católica.....	49
3.5 Avaliação da Hermenêutica Contextual.....	51
3.6 Avaliação da Hermenêutica Pentecostal.....	53
4 CONCLUSÃO.....	57
5 REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

Ao longo da história do cristianismo, a leitura da Bíblia não tem sido caracterizada pela homogeneidade nos círculos cristãos. Com efeito, esse fenômeno contribuiu para o surgimento de várias hermenêuticas. A proposta desta pesquisa é de descrever e analisar o método histórico crítico, a hermenêutica católica, a hermenêutica neopentecostal, a hermenêutica contextual e a hermenêutica da Assembleia de Deus.

No século XIX, houve uma a difusão do Método-Histórico Crítico, o qual lançava mão da ciência exegética para determinar o significado dos textos bíblicos. A partir deste momento a historicidade dos textos bíblicos passou a ser questionada. Esta maneira de ler a Bíblia foi influenciada pelo racionalismo e cientificismo europeu do século XVIII.

Neopentecostalismo, ou Pós-Pentecostalismo como alguns estudiosos preferem dizer, teve início no Brasil na década de sessenta, de modo que o principal expoente deste movimento é a Igreja Universal do Reino de Deus. Esta Igreja possui um modo particular de leitura bíblica, onde se observa que há uma forte ênfase em textos do Antigo Testamento, principalmente aqueles que tratam da Prosperidade como veremos nesta pesquisa.

A hermenêutica Católica foi influenciada pelas encíclicas papais Providentissimus Deus e Divino Afflante Spiritu, bem como as resoluções no que tange a interpretação bíblica aprovadas no Concílio Vaticano II.

A hermenêutica contextual, a qual procura atualizar os textos bíblicos aos problemas sociais será também abordado, sob a ótica da Teologia da Libertação, da hermenêutica feminista bem como a hermenêutica negra

A Hermenêutica Pentecostal será analisada no contexto da maior Igreja Pentecostal do Brasil - a Assembléia de Deus, a qual contabiliza noventa e nove anos de história e possui aproximadamente quatorze milhões de adeptos no Brasil. Observa-se que nos cultos da Assembléia de Deus há grande abertura para a participação de leigos na liturgia: homens, mulheres, adolescentes, jovens idosos e até crianças tem a oportunidade de compartilhar com a congregação meditações bíblicas. Com isso a leitura bíblica é muito democratizada. No entanto a Hermenêutica da Assembléia de Deus não

foi sistematizada, razão pela qual esta pesquisa procurará descrever e analisar os pressupostos da leitura bíblica desta igreja.

O objetivo deste trabalho é pesquisar e avaliar essas hermenêuticas da contemporaneidade, e aprofundar o estudo dos pressupostos teóricos das mesmas. Todas elas têm pontos positivos e negativos como se verá ao longo da pesquisa, porém pretende-se discutir a possibilidade de um diálogo entre as hermenêuticas estudadas.

A metodologia se constitui de pesquisa bibliográfica além de leitura orientada de autores pesquisadores da área, além de troca de informação com especialistas no assunto. Como a hermenêutica da Assembléia de Deus não foi sistematizada, pretende-se analisar os periódicos da denominação com o objetivo de descrever os pressupostos hermenêuticos da denominação evangélica.

Entende-se que o tema é relevante para a vida humana social, pois se discutirá temas que dizem respeito a promoção social e também a possibilidade de diálogo entre diferentes confissões de fé. Será relevante para o desenvolvimento da ciência, principalmente das ciências bíblicas.

2-As Hermenêuticas Contemporâneas

As Escrituras Sagradas, nos últimos dois séculos, têm sido lidas e interpretadas de diferentes maneiras, com efeito, essas pluralidades de interpretações, são condicionadas por fatores sociais, religiosos e econômicos. Serão abordados, neste capítulo, as principais hermenêuticas da contemporaneidade.

2.1-Hermenêuticas Acadêmicas

O Método Histórico-Crítico caracteriza-se por uma interpretação racional da Bíblia, em razão de ter sido influenciado pelo Iluminismo, o qual é um movimento de idéias que teve origem no século XVII e se desenvolveu principalmente no século XVIII. Os filósofos iluministas eram militantes da luta da razão contra a tradição cultural e institucional que caracterizou a Idade Média. Os pensadores iluministas argumentavam que somente a partir do uso da razão é que os homens obteriam o progresso, em todas as áreas da vida humana. A razão seria responsável por restaurar no mundo uma nova ordem, a qual seria caracterizada pela felicidade plena dos homens na sociedade. Três eram os lemas dos pensadores iluministas:

“universalidade – o projeto visava a todos os seres humanos, independente de barreiras nacionais ou éticas; individualidade – os seres humanos deveriam ser vistos como pessoas concretas e não apenas como integrantes de uma coletividade; autonomia – os homens estão aptos a pensar por si mesmos, sem a tutela da religião ou da ideologia, e para agir no espaço público a fim de adquirir por meio de seu trabalho, os bens e serviços necessários à sobrevivência material”¹

Portanto, o impacto do iluminismo se fez sentir também na leitura e interpretação da Bíblia. A partir deste momento começou-se a questionar, inclusive a autoria dos textos bíblicos bem como a data em que os livros foram escritos ao que se denominou de crítica das fontes. Segundo Fitzmeyr a crítica das fontes teve origem no século XVII.

¹MOTA, Myriam Becho. *História das Cavernas ao Terceiro Milênio*. São Paulo: Moderna,2005,p.99

“A técnica moderna da crítica das fontes remonta ao século XVII, tendo sido usada pela primeira vez na obra do oratoriano francês Richard Simon (1638 -1712). Em 1678, ele publicou *Histoire critique du Vieux Testament*, com base nas repetições, discrepâncias e variantes estilísticas do texto hebraico afirmou que Moisés não era o autor do Pentateuco. No século seguinte, Jean Astruc (1684 – 1766) publicou anonimamente *Conjectures sur les mémoires originax doint il paroît que Moÿse s'est servi pour composer le livre de la Gênese*, em que explicou as repetições pelo uso variado de Elohim. Desses primórdios surgiu como tempo a hipótese dos documentos, que distingui as quatro fontes do Pentateuco como J (Javist), E(Eloísta), D(Deuteronomista) e P(Sacerdotal)”²

Além da crítica das fontes, desenvolveu-se também a crítica das formas, a qual determinou que os textos bíblicos eram constituídos de vários gêneros literários como lendas, hinos, profecia, sabedoria, leis, de modo que conhecer o contexto no qual estes livros foram produzidos eram de fundamental importância para que se realizasse uma correta leitura e interpretação bíblica, de acordo com expoentes do Método Histórico - Crítico. Também neste período surgiu a crítica da redação; esta tinha por finalidade, estudar a obra redacional dos escritores bíblicos, principalmente a dos evangelistas.

No entanto, não foram apenas estas novas técnicas de leitura da Bíblia que influenciaram o Método Histórico-Crítico, mas também o desenvolvimento de ciências como a História e Arqueologia, nos séculos XVIII e XIX. O descobrimento, por exemplo da Pedra de Roseta trouxe uma valiosa contribuição ao método.

“Foi descoberta em Roseta (Rashid) na parte ocidental do delta do Nilo, em 1799, mas seu texto hieroglífico só foi decifrado em 1822 pelo francês François Champollion (1790-1832), e a decifração do egípcio só foi aperfeiçoada com o decreto de Canopo, por R.Lepsius, em 1866. Então pela primeira vez, começou-se a ler a literatura dos antigos egípcios, os vizinhos de Israel no ocidente. Assim pela primeira vez, foi possível comparar textos bíblicos com suas formas literárias antigas. Escritos históricos, hínicos, rituais, míticos e sapienciais do antigo Egito tinham passagens equivalentes no Antigo Testamento.”³

²FITZMYER, Joseph A. **A Bíblia na Igreja**. São Paulo: Loyola, 1997, p. 24

³FITZMEYER, 1997, p. 25

Este método é denominado de Histórico em razão de lidar com fontes históricas, pois os textos bíblicos estão datados a muitos anos anteriores ao nosso tempo; ou seja o método procura determinar a datação dos livros da Bíblia. Além disso, procura-se levantar informações sobre quem redigiu e para quem os textos foram endereçados originalmente. Chama-se também crítico não com o objetivo de criticar ou encontrar erros na Bíblia, mas, porque usa os métodos científicos disponíveis a fim de determinar o sentido do texto.⁴

Quando se faz uma leitura e interpretação da Bíblia usando o Método Histórico-Crítico, começa-se fazendo perguntas às quais o exegeta precisa responder como: autoria, data, local da composição, unidade e propósito do livro em estudo. Neste contexto também surgiu a chamada crítica textual, que procura determinar quais são os melhores e mais antigos manuscritos da Bíblia e , compará-los com nossas modernas traduções. A partir de todas estas fontes, o crítico textual estabelece um texto original, reconstruído, apoiado nas probabilidades e suposições estabelecidas a partir das testemunhas utilizadas. A primeira edição impressa do Novo Testamento em grego foi publicada por incumbência do cardeal Ximenez em Alcalá . Ela foi preparada em 1502 por eruditos espanhóis. Esta edição era trilingüe no texto hebraico (hebraico, a Vulgata e a Septuaginta) e bilíngüe no texto grego (o texto grego e o texto latino). Por esta razão, a edição se chama Poliglota Complutense.

As edições mais modernas do Antigo Testamento Hebraico são a Bíblia Hebraica Stuttgartensia e do Novo Testamento o Novum Testamentum Graece de Nestle-Aland, os quais constam de aparato crítico, os quais dão condições de o leitor averiguar as inúmeras variantes que existem nas diversas traduções da Bíblia.

Para os exegetas do Método Histórico-Crítico conhecer estas traduções da Bíblia são de fundamental importância, pois as mesmas refletem uma tradução do hebraico e do grego mais próxima do original.

⁴MEGNER, Uwe. Exegese do Novo Testamento. São Leopoldo: Sinodal/Paulus, 2007, p.17

Uma das consequências naturais do uso do Método Histórico-Crítico aliado à valorização da razão, foi o surgimento da chamada Teologia Liberal. Kant, por exemplo dizia que a Bíblia continha um registro apenas subjetivo da consciência que o homem possui de Deus. Portanto, a Bíblia deveria ser lida como um livro humano por métodos científicos, e não como uma revelação de Deus. De acordo com Cairns:

“Os liberais tinha em comum a idéia de um Deus imanente na história e nas pessoas – para garantir o progresso em direção a uma ordem ideal na terra. O homem aperfeiçoável enfrentava principalmente o problema de um ambiente que o levaria ao pecado por escolha. Com Cristo como exemplo, porém, ele poderia desenvolver a si mesmo e a ordem social. A Bíblia, de acordo com os liberais, continha somente o registro subjetivo da consciência humana de Deus. A educação e a ação social, apoiadas pela igreja, iriam criar uma ordem social ideal para a qual Cristo iria retornar após o Milênio”⁵

Um dos mais destacados difusores da Teologia Liberal foi Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834), teólogo alemão protestante, filólogo clássico e pietista, místico, foi filho de um capelão reformado do exército. Enviado à uma escola moraviana, Schleiermacher acabou sendo marcado em seu interior por um discernimento agudo sobre o pecado que o levou a uma compreensão não menos profunda da necessidade e disponibilidade da graça. No seminário, ele decepcionou-se com as conclusões ortodoxas que se contrapunham ao ceticismo religioso de seu tempo, fato que o levou a abandonar a crença na divindade de Jesus Cristo e na expiação por Seu sangue. Estudando na Universidade de Halle e sob a influência dos pensamentos filosóficos kantianos, ele estrutura o seu pensamento sobre a fé cristã. Para Schleiermacher a Bíblia devia ser interpretada como qualquer outro livro. O elemento divino da Bíblia foi, em geral, menosprezado, e o intérprete se limitava à discussão de questões históricas e críticas.

⁵ BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã.p. 34

Schleiermacher praticava uma hermenêutica Gramatical e uma Hermenêutica Psicológica. Essa primeira ocupa-se da análise gramatical e da linguagem do texto. Para Schleiermacher, um texto construído traz em si “uma série de regras e convenções de sua língua, época e cultura”⁶. Ao interpretar tal texto, o intérprete deveria esforçar-se para compreendê-lo o máximo possível, seguindo a tal exercício, a apreensão de um entendimento mais apurado que o do próprio autor. O intérprete, inserido, cultural e temporalmente, em um outro contexto, teria como vantagem sobre o escritor original, o fato de poder, de maneira consciente, buscar a compreensão das regras e convenções inconscientemente reproduzidas no texto. Esse pré-entendimento era uma condição essencial para que a interpretação se concretizasse. Em Schleiermacher, a intenção autoral é a chave para o entendimento. Porém, a abordagem gramatical e seu significado não era o bastante. Daí ele aplicava a Hermenêutica Psicológica

“Schleiermacher defendia que a temática do texto de um autor era consequência de sua própria natureza. Por isso, o intérprete teria que esmerar-se por captar a individualidade do autor. A *empatia* seria esse mecanismo facilitador da captura da subjetividade autoral intrínseca ao texto. A isso é que chamam de *hermenêutica psicológica*.”⁷

Schleiermacher admitia que um texto possui um sentido único intencionado pelo autor ao escrevê-lo e era esse sentido que o intérprete deveria buscar. Mas, ele, igualmente, defendia um número incontável de sentidos de um texto. Schleiermacher é considerado o pai da hermenêutica moderna. Ele, Rudolf K. Bultmann (1884-1976), Karl Barth (1886-1968), Hans-Georg Gadamer (1900-2002), entre outros, ajudaram a lançar os fundamentos para a hermenêutica pós-moderna. Foi Schleiermacher quem popularizou o liberalismo teológico.

⁶NICODEMUS, Augustus Lopes. *A Bíblia e Seus Intérpretes*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p.56

⁷NICODEMOS, 2004, p. 68

2.2 – Hermenêutica Neopentecostal

O neopentecostalismo é um movimento que surgiu no Brasil na década de 70. Outros nomes atribuídos ao neopentecostalismo são: Hiperpentecostalismo, ultrapentecostalismo, pentecostalismo neoclássico, pentecostalismo cioulo, pós-pentecostalismo, protestantismo sincrético, isopentecostalismo e pentecostalismo autônomo. As principais igrejas deste movimento são: Universal do Reino de Deus, Mundial do Poder de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo e Cristo e Vive.

Uma característica comum nessas igrejas são os discursos proferidos por líderes carismáticos os quais prometem aos fiéis uma vida caracterizada pela ausência de sofrimento.

“Explicam ao fiel que, embora o objeto de sua confissão ainda não tenha se concretizado no mundo material, é dever do cristão, de antemão, orar agradecendo a Deus pela posse da benção confessada, como se fosse aplicação metódica de uma fórmula mágica, uma vez que o mundo espiritual ela já foi concedida. Além de agradecer, ele deve agir como se já tivesse recebido a benção, ainda que todas as evidências indiquem o oposto”⁸

Acredita-se que uma das influências desta visão dos neopentecostais seja a afirmação do Neoliberalismo, o qual é caracterizado pela desregulamentação da economia a fim de se promover o fim das políticas protecionistas comerciais e do livre trânsito de capitais. Isso contribuiu para o estabelecimento da Economia de Mercados, cuja ideia é de que quanto mais o mercado se expandir teremos mais bens de consumo à disposição. Todavia, nesta cultura mercadológica o indivíduo é valorizado mais pelo ter. O que valida a inclusão do indivíduo nesta nova cultura é a capacidade que ele tem de adquirir bens de consumo.

⁸SUNG, Jung Mo. Desejo, Mercado e Religião. Petrópolis: Vozes, 1998. p.36

Esta visão mercadológica tem influenciado a maneira como os grupos religiosos e, principalmente os neopentecostais interpretam a Bíblia. O nome que se deu a estas interpretações foi de a Teologia da Prosperidade, a qual ensina que os fiéis tem o direito de triunfarem em todas as áreas de suas vidas, caso contrário estariam sobre

“A religiosidade pós-moderna é uma espécie de religiosidades de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis. Jesus, que deu sua vida para trazer uma nova palavra aos homens, hoje é invocado como uma espécie de fiador de projetos de ascensão social de suas ovelhas”⁹

A leitura bíblica neopentecostal procura enfatizar que os desejos dos fieis serão atendidos, o que gera uma busca pelo consumo e uma intensificação do individualismo.

“A estrutura básica do desejo consiste em que eu desejo um objeto não pelo desejo em si, mas pelo fato de que o outro deseja. Sendo assim, o objeto desejado por ambos é sempre escasso em relação aos sujeitos de desejo. E porque é escasso é que é objeto de desejo. Cria-se assim uma rivalidade entre os dois que desejam o mesmo objeto. Esta rivalidade ou conflito tem o nome moderno de concorrência. Concorrência essa que os economistas liberais chamam de propulsora do progresso. Rivalidade, concorrência, são conceitos que se opõe à solidariedade, à comunidade”¹⁰

O texto mais usado com freqüência na hermenêutica neopentecostal é de Malaquias 3.10, o qual fala em trazer os dízimos a Casa do Senhor. Há teólogos neopentecostais que afirmam que o primeiro homem criado por Deus, Adão, era sócio de Deus. Todavia por causa do pecado deste homem a sociedade foi desfeita, porém os homens podem restaurar esta sociedade com Deus e, isso acontece quando o fiel entrega seus dízimos à Igreja.

⁹ROCHA, Adruschin Shaeffer. **Respostas a Religiosidade Evangélica Brasileira**. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 67

¹⁰SUNG, 1998, p. 78

Outra característica observada no movimento neopentecostal é uma ênfase maior na experiência pessoal em relação a Bíblia.

Ironicamente, o neopentecostalismo se desenvolveu no chamado campo antiliberal, conservador e fundamentalista dos Estados Unidos, mas é ele que abriga as mais estranhas formulações teológicas, que têm como resultado a subordinação das Escrituras à experiência e a relegação da Bíblia a uma posição de fonte secundária de conhecimento. No pentecostalismo, houve uma guinada salutar., nos últimos anos exatamente porque não conseguiram deixar que as experiências suplantassem a Palavra Escriturada. Assim, muitos retroagiram de certos exageros pelo amor à Palavra – ele termina falando mais alto, junto como testemunho do Espírito nos corações. Mas no neopentecostalismo – inclusive nos seus enclaves nas denominações históricas - , por mais que seus integrantes se declarem defensores das Escrituras, a importância atribuída aos fenômenos, maravilhas e novas revelações os empurrarão à incômoda consequência prática de terem na Bíblia a sua fonte secundária de conhecimento”¹¹

Como não é não existe uma preocupação em se fazer uma leitura bíblica usando as regras da hermenêutica, ou seja regras de interpretação previamente definidas, observa-se que há uma liberdade na interpretação dos textos bíblicos. Além disso, a maioria dos líderes deste movimento dão uma ênfase maior em textos do Antigo Testamento. A campanha realizada na Igreja Universal do Reino de Deus denominada de Campanha dos 318 pastores, está alicerçada no texto de Gênesis 14.14-16, ocasião em que Abraão socorreu seu sobrinho Ló, o qual foi seqüestrado por reis inimigos.

“Quando Abrão ouviu que seu parente fora levado prisioneiro, mandou convocar os trezentos e dezoito homens treinados, nascidos em sua casa, e saiu em perseguição aos inimigos até Dã. Atacou-os durante a noite em grupos, e assim os derrotou, perseguindo-os até Hobá, ao norte de Damasco. Recuperou todos os bens e trouxe de volta seu parente Ló com tudo o que possuía, com as mulheres e o restante dos prisioneiros”¹²

¹¹MATOS, Alderi Souza. *Fé Cristã e Misticismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000, p.34

¹²Bíblia de Estudo Esperança. São Paulo: Vida Nova, 1998

Outro exemplo da ênfase que os neopentecostais fazem do Antigo Testamento, ocorreu em 2003, quando naquele ano, a liderança da Igreja Universal do Reino de Deus anunciou que todas as suas igrejas no país iriam celebrar a Festa Anual da Libertação do Egito Espiritual. É uma clara referência a libertação dos hebreus da escravidão dos egípcios conforme registrado no livro de Êxodo.

“O motivo da festividade será a lembrança da libertação do povo de todas as mazelas espirituais e físicas, tal qual fizeram os filhos de Israel ao comemorarem sua libertação do jugo egípcio. Neste dia serão servidos pães sem fermento, com ervas amargas. A data tem um caráter festivo, com muita música, dança e louvores a Deus. Este dia caracteriza a diferença na vida daqueles que tiveram um encontro com o Salvador e daqueles que ainda não o conhecem. Todos estão convidados para este dia, principalmente aqueles que se sentem fracos, deprimidos e longe da presença do senhor Jesus, no Brasil, e no exterior, estão se preparando para esta grande festa que, com certeza, trará um grande avivamento, principalmente àqueles que se encontram abatidos e oprimidos devido aos problemas vividos. É com grande expectativa para o evento que, pela primeira vez, está acontecendo na IURD, pois com certeza ficará marcado no coração de todos”¹³

Outra denominação neopentecostal que faz constante uso do Antigo Testamento a fim de validar suas práticas religiosas é a Igreja Renascer em Cristo. Dentro da programação dos cultos desta igreja encontra-se termos como: jejum de Gideão, jejum de Calebe, campanha das dez bênçãos de Abraão, jejum dos Salmos de guerra, jejum Obede-Edom, jejum Moabitas e também qualquer pessoa pode se tornar um gideão da conquista a fim de ajudar a manter as obras assistências desenvolvidas pela denominação.¹⁴

É também abundante o uso de símbolos e outros objetos nas reuniões, as quais são responsáveis, segundo os líderes neopentecostais, por ajudar ativar a fé das pessoas. Fazem parte da liturgia dos cultos neopentecostais o uso de gravata unguida, óleo unguido, fogueira santa de Israel, sal grosso, copo de água em cima do rádio ou da Tv, são alguns dos símbolos usados nessas igrejas.

¹³Folha Universal, 17 a 23 de agosto de 2003, p. 6

¹⁴ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a Graça*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 125

Estas praticas religiosas promovidas pelo neopentecostalismo são caracterizadas por uma interpretação livre da Bíblia e também se distânciam da maneira como o pentecostalismo tradicional lê e interpreta as Escrituras. Além disso, a interpretação neopentecostal é dinâmica, pois sempre estão sendo usadas novas releituras da Bíblia.

“O pentecostalismo anterior já democratizava a palavra por meio das línguas e profecias, mas hesitou em recuperar os outros sentidos. A IURD, porém, quebra a dependência protestante da palavra, fazendo amplo uso da visão, do tato e dos gestos: *o tapete unguido*. Receba o tapete unguido para ajoelhar. Coloque nele os nomes de seus queridos e venha formar conosco a poderosa Corrente de Orações Intercessórias pela Família. Deus é maior que seus problemas. Distribuição do óleo consagrado no Monte Sinai – Getesêmani, Monte das Bem-Aventuranças. Deus varrerá sua casa com vassoura de fogo. Proteção do Lar com Muralha de Fogo; *Determinação*. Venha determinar a realização de seus: sonhos, ideais, projetos, visões. Decretar: a cura das emoções, cura física, saúde mental. Venha receber: a unção com mirra e tocar nas águas que saram; *A hora da virada*. Pela primeira vez no Brasil. Cassinos, Loto, Tele-Sena, loteria Esportiva, Papa-Tudo, Azulzinha, Telesorte, jogo de bicho, bingos, etc. Por que eu não tenho sorte com estes jogos? Por que eu nunca ganhei? Você não pode perder a grande reunião da virada. Deus entraria no jogo para mudar minha sorte? Sim ou Não? Venha descobrir como Deus pode te ajudar”¹⁵

O líder maior da Igreja Internacional da Graça de Deus foi questionado sobre o porquê do uso do copo com água no momento da oração, de modo que sua argumentação baseou-se em uma interpretação da Bíblia.

“Em minhas reuniões, por várias vezes, tenho falado da liberdade que nós temos em nossa fé. Se o macumbeiro pode amaldiçoar um alimento, e quem dele fizer uso, se não estiver firme na fé em Cristo, certamente será afetado, então por que o cristão não pode abençoar um alimento, uma roupa ou um copo com água. Agora responda-me: quem disse ao profeta Eliseu que ele deveria jogar sal nas águas de Jericó para que elas se tornassem potáveis (2Re2.21,22)? Certamente, foi Aquele que nos inspira a abençoar uma peça de roupa ou um alimento, o que você me diz?”¹⁶

¹⁵FRESTON, Paul. *Nem anjos nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 65

¹⁶Carta viva do missionário R.R. Soares, número 69, agosto de 2001, p. 36

Sendo assim, percebe-se que a hermenêutica neopentecostal se distancia da interpretação literal das Escrituras, de modo que a ênfase maior deste grupo religioso brasileiro está no uso de símbolos, metáforas e alegorias extraídas do texto bíblico.

2.3 – Hermenêutica Católica

Em 18 de novembro de 1893, o papa Leão XIII publicou uma encíclica que foi denominada de *Providentissimus Deus*, a qual orientava os católicos de como as Sagradas Escrituras deveriam ser lidas. Esta encíclica foi uma reação da igreja católica contra a exegese liberal na época, a qual interpretava as Escrituras métodos científicos e reduzindo a Bíblia a um livro puramente humano. Cinquenta anos depois, o Papa Pio XII promulga a encíclica *Divino Afflante Spiritu*, a qual tinha como finalidade defender a interpretação católica, contra os ataques daqueles que se opõem à utilização da ciência, por parte dos exegetas.

“Em primeiro lugar, nota-se, entre estes dois documentos, uma diferença importante. Trata-se da parte polêmica – ou, mais exatamente, apologética – das duas Encíclicas. Com efeito, tanto uma como outra manifestam a preocupação de responder aos ataques contra a interpretação católica da Bíblia, mas estes ataques não tinham o mesmo objetivo. A *Providentissimus Deus*, por um lado, quer sobretudo proteger a interpretação católica contra os ataques da ciência racionalista; por outro lado a *Divino afflante Spiritu* preocupa-se mais em defender a interpretação católica, contra os ataques que se opõe à utilização da ciência, por parte dos exegetas, e que querem impor uma interpretação não científica, chamada ‘espiritual’, das Sagradas Escrituras”¹⁷

A *Providentissimus Deus* apareceu numa época em que a sociedade racionalista despendia críticas aos dogmas da Igreja Católica. A exegese liberal usava os recursos das ciências como a crítica textual, a arqueologia, filologia com o objetivo de atacar a fé católica. Já quando a *Divino Afflante Spiritu* foi publicada, havia grupos, alguns deles na Itália, os quais que não poderia usar os recursos da ciência na interpretação bíblica.

¹⁷Revista de Cultura Bíblica. São Paulo:Loyola, 1993

Quando a Providentissimus foi publicada, ela não tinha como finalidade desmerecer os recursos na ciência moderna da época, mas a encíclica convidava os exegetas católicos adquirirem competências científicas, principalmente nas línguas originais das Escrituras, com o objetivo de superara aqueles que usavam destes recursos para atacar a veracidade da Bíblia. Por causa de uma interpretação mística das Escrituras é publicada a Afflante Spiritu.

“Mas tinha-se necessário responder aos ataques provenientes dos partidários de uma exegese chamada ‘mística’, que procuravam fazer condenar pelo Magistério os esforços da exegese científica. Como responde a Encíclica? Ela teria podido limitar-se a salientar a utilidade e mesmo a necessidade destes esforços para a defesa da fé, o que teria favorecido uma espécie de dicotomia entre a exegese científica, destinada ao uso extremo, e a interpretação espiritual, reservada ao uso interno. No Divino Afflante Spiritu, Pio XII evitou deliberadamente enveredar por este caminho. Pelo contrário ele reivindicou a estreita união das duas encíclicas, por um lado salientando o alcance ‘teológico’ do sentido literal, metodologicamente definido, por outro lado, afirmando que, para poder ser reconhecido como sentido de um texto bíblico, o sentido espiritual deve apresentar garantias de autenticidade. Uma simples inspiração subjetiva não é suficiente. Deve-se poder mostrar que se trata de um sentido querido por Deus mesmo, de um significado espiritual dado por Deus ao texto inspirado”¹⁸

Portanto a exegese não poderia ser realizada apenas usando os recursos da ciência, mas a fé e a oração seriam fundamentais para uma correta interpretação da Escrituras Sagradas.

Em 18 de novembro de 1965 foi publicada uma constituição dogmática em forma de bula pontifícia, no Concílio Vaticano II, o qual trata das principais características das Escrituras Sagradas. Este documento que foi denominado de Dei Verbum trata da relação existente entre a Bíblia e a Tradição da Igreja Católica. O dei verbo foi promulgada pelo Papa Paulo VI e tinha os seguintes pontos fundamentais em sua constituição

¹⁸Revista de Cultura Bíblica. São Paulo:Loyola, 1993

"A sagrada Tradição, portanto, e a Sagrada Escritura estão intimamente unidas e compenetradas entre si. Com efeito, derivando ambas da mesma fonte divina, fazem como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim. A Sagrada Escritura é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, para que eles, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação; donde resulta assim que a Igreja não tira só da Sagrada Escritura a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas. Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual espírito de piedade e reverência"¹⁹

Já na sua introdução, o Documento deixa claro que o Concílio coloca-se debaixo da Palavra de Deus, que é Jesus Cristo. Depois, no capítulo I, passa a tratar do que é a Revelação divina: Deus, por livremente, no seu amor e sabedoria quis revelar-se aos homens por meio de Jesus Cristo para chamá-los a participar da vida divina. Então, o Senhor Deus não quer revelar coisas, mas deseja revelar seu coração amoroso. A Revelação é um diálogo de Deus com a humanidade através de sua Palavra eterna feita carne, Jesus. Este diálogo é para nos levar à vida com Deus, a vida eterna, nossa plenitude. Depois a *Dei Verbum* mostra como esta revelação foi sendo preparada ao longo da história, preparando para Jesus: na própria criação Deus já se manifesta pela sua amorosa providência, na eleição de Abraão, nosso Pai na fé, na aliança com Israel e na palavra dos profetas. Assim Deus foi preparando Israel e a humanidade para Jesus Cristo. Finalmente, chega Jesus, plenitude da revelação: Ele é a própria Palavra de Deus feita gente, feita carne. Nele Deus se deu a nós totalmente.²⁰

Revelação deve ser acolhida com fé, com aquela abertura amorosa e disponível que atinge e engloba a pessoa como um todo. A Revelação não é um conjunto de informações para a inteligência, mas Alguém que vem ao nosso encontro e a quem devemos acolher com todo o nosso ser. No entanto, a Revelação inclui também verdades reveladas que devem ser cridas porque foram reveladas por Deus.

¹⁹VI, Paulo. *Dei Verbum: Constituição dogmática sobre a revelação divina*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 5

²⁰VI, Paulo. 2007, p.8

O capítulo II trata da transmissão da Revelação²¹. Eis as idéias mais importantes: Cristo, Revelação do Pai, confiou a Revelação aos apóstolos que pregaram, viveram e, por inspiração do Espírito Santo, colocaram por escrito a mensagem salvífica. Para que essa mensagem de salvação continuasse viva na Igreja os Apóstolos deixaram os Bispos como seus sucessores e guardiões verdade salvífica, contida na Tradição oral e na Sagrada Escritura. Quanto à Tradição apostólica, ela abrange tudo aquilo que coopera para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé. Onde está a Tradição? Na doutrina, na vida e no culto da Igreja, que é guiada pelo Espírito Santo. Compete aos Bispos em comunhão com o Papa o discernimento da Tradição apostólica, que vai sempre progredindo na Igreja sob a inspiração do Santo Espírito.

Ainda quanto à Tradição: ela está intimamente unida à Sagrada escritura, pois ambas dão testemunho do mesmo Cristo. Escritura e Tradição devem ser recebidas e veneradas com igual reverência. Compete aos Bispos em comunhão com o Papa a interpretação última seja da Escritura seja da Tradição: eles receberam autoridade de Cristo para isso e nesse discernimento são guiados pelo Espírito Santo.

O capítulo III afirma que a Escritura é toda ela inspirada por Deus, pois os seus autores escreveram por inspiração do Espírito Santo, de modo que, mesmo que cada autor dos livros bíblicos tenha seu estilo e sua visão, o autor final da Escritura é o próprio Deus e a Bíblia é realmente palavra de Deus que nos transmite a verdade para a nossa salvação²². Não se trata de verdade científica ou histórica, mas a verdade sobre Deus, sobre o homem e sobre o sentido da vida e do mundo (. Por isso mesmo, a interpretação correta da Bíblia requer que se conheça a cultura do povo da Bíblia, a mentalidade e intenção do autor sagrado, bem como o gênero literário em que tal ou qual obra foi escrita. Sem contar que toda interpretação deve estar de acordo com o Magistério da Igreja. Uma coisa é certa: seja o simples crente, seja o estudioso erudito, deve procurar o sentido último da Escritura em Cristo e procurar interpretá-la no mesmo Espírito Santo que a inspirou e a entregou à Santa Igreja.

²¹VI, Paulo.2007, p.12

²²VI, Paulo.2007, p.16

Depois, no capítulo IV, a *Dei Verbum* recorda que o Antigo Testamento é Palavra de Deus e prepara para o Cristo e, por isso, somente pode ser bem compreendido à luz de Cristo²³ No capítulo V, fala do Novo Testamento, mostrando que ele é mais excelente que o Antigo porque é o cumprimento em Cristo daquilo que o Antigo anunciava. Ensina também que os evangelhos são de origem apostólica e contêm uma interpretação segundo a fé e inspirada pelo Espírito da vida, palavras e missão de Jesus Cristo.

Finalmente, o capítulo VI recorda a veneração que a Igreja tem pelas Sagradas Escrituras como Palavra de Deus e exorta os fiéis a que se alimentem dessa santa Palavra para o bem de sua vida espiritual e da sua vida moral. Também recorda que a Sagrada Escritura deve ser a alma da Teologia. Exorta os ministros sagrados a que puguem a Palavra, sobretudo cuidando bem das homilias na Santa Missa.²⁴ A celebração da Eucaristia é o lugar por excelência para se proclamar e escutar a Palavra de Deus, pois aí, a Palavra anunciada, que é Jesus Cristo, faz-se carne que alimenta e dá vida. A salvação anunciada na Escritura é celebrada na Páscoa eucarística.

²³VI, Paulo.2007, p.16

²⁴VI, Paulo.2007, p.20

2.4 – Hermenêutica Contextual

As leituras bíblicas que são realizadas na hermenêutica contextual têm como finalidade responder aos problemas religiosos e principalmente sócias da contemporaneidade. Dentre estas leituras destacam-se a abordagem da libertação, a abordagem feminista a abordagem negra.

2.4.1 – Hermenêutica da Libertação

Esta maneira de ler as Escrituras, nasceu das circunstâncias sociais, políticas e econômicas da América Latina, de modo que um dos primeiros expoentes deste movimento foi o peruano Gustavo Gutierrez e, ficou conhecida como a Teologia da Libertação. De acordo com este tipo de leitura Bíblia, a teologia cresce a partir da situação humana na história. Esta mesma história humana é o palco da libertação, concebida, na maioria das vezes, em termos marxistas. A salvação é econômica, social e política, uma libertação de todas as formas de opressão.

“De um lado, o exegeta procura entender a mensagem bíblica dentro da maior fidelidade ao contexto histórico original. Esta tarefa costuma chamar-se exegese gramático-histórica. De outro lado, como discípulo do Senhor, o exegeta é chamado a obedecer e proclamar o Evangelho aqui e agora. Cabe-lhe a tarefa complexa de entendera fundo nosso próprio contexto em todas as suas dimensões e de captar a relação dinâmica entre a mensagem bíblica e a Palavra de Deus para a nossa situação contemporânea. Se não perceber esta mensagem atual, não terá escutado realmente a Palavra. Uma interpretação descontextualizada, seja do contexto histórico do passado ou do contexto (também histórico) do presente, será inevitavelmente uma interpretação infiel, antibíblica. As próprias Escrituras e o próprio evangelho impõem esta tarefa de dupla contextualização”²⁵

A situação de pobreza é denunciada como pecado estrutural e estas teologias propõem o engajamento político dos cristãos na construção de uma sociedade mais justa e solidária, cujo projeto identifica-se com ideais da esquerda.

²⁵SARACOO, N. *As opções libertadoras de Jesus*. Belo Horizonte: Visão Mundial, 2004, p.28

Uma característica da leitura da Libertação é considerar o pobre, não um objeto de caridade, mas sujeito de sua própria libertação. Assim, seus teólogos propõem uma pastoral baseada nas comunidades eclesiais de base, nas quais os cristãos das classes populares se reúnem para articular fé e vida, e juntos se organizam em busca de melhorias de suas condições sociais, através da militância no movimento social ou através da política, tornando-se protagonistas do processo de libertação. Além disto, apresentam as Comunidades Eclesiais de Base como uma nova forma de ser igreja, com forte vivência comunitária, solidária e participativa. Segue abaixo um exemplo deste tipo de leitura

“Em Cristo, o projeto de Deus é reconciliar consigo mesmo toda a criação, começando com o ser humano. Assim os cristãos têm a responsabilidade de participar nesta obra, buscando restaurar as relações destruídas: Deus-Homem, Homem-Mulher, Deus-Natureza, Homem-Natureza. Qualquer sistema político ou econômico que não facilite a tarefa de reconciliação vai contra a vontade de Deus para a criação (Ef 1.10; 2Co 5.18-21). Deve-se observar que o homem foi criado em dois gêneros: macho e fêmea. Ambos estão encarregados da mordomia da criação, uma tarefa evidentemente econômica. Tanto mulher como homem devem assumir a responsabilidade de determinar o que produzir, como fazê-lo e como usar os recursos da terra. Corresponde a ambos a responsabilidade de cuidar dos recursos do meio ambiente, de cuidar para que toda a família da terra tenha o que necessite para viver dignamente como seres criados à imagem de Deus. É pecado a cumplicidade que se tem prestado, e que segue prestando, ao abuso de pessoas em nome da objetividade da ciência econômica e da maximização dos lucros que muitas vezes provêm de compras desnecessárias, sobretudo na compra e venda de armamentos às custas de programas de saúde, habitação e educação. É necessário o arrependimento segundo o tipo de participação de cada envolvido, não importando se ele vive no Primeiro ou no Terceiro Mundo. Somente em Jesus Cristo há perdão e renovação que nos livram para transformar a situação, e somente nele há autoridade e poder para atuar”²⁶

2.4.2 – Hermenêutica Feminista

A leitura feminista da Bíblia remonta as lutas das mulheres pelos seus direitos no século XIX, de modo que teve suas origens nos Estados Unidos da América. Em 1854 aconteceu neste país, a Primeira Convenção Americana pelos Direitos da Mulher

²⁶Os cristãos frente a dívida externa e à dependência econômica. Boletim Teológico, n.13, 1990, p.57

Deste movimento surgiu a *Woma's Bible*, onde pela primeira vez pelas mulheres propõe uma leitura bíblica a partir da ótica feminina. Para elas a Bíblia tinha sido concebida em um ambiente patriarcal, por isso refletia uma cultura dominada pelos homens, ao passo que as mulheres são reputadas como inferiores.

“As feministas, lendo a Bíblia com muita atenção, perceberam a necessidade de tomarem certas precauções ao se acercar do texto sagrado. Para elas, o que tem em mãos são traduções e interpretações androcêntricas, que perpetuam o preconceito contra a mulher e sua exclusão, pois o contexto patriarcal levou uma seleção androcêntrica de tradições históricas em detrimento da participação das mulheres. A rejeição sistemática da participação das mulheres fez com que o processo de canonização estivesse em função do patriarcalismo imperante, de forma que a projeção androcêntrica dos textos bíblicos não refletem a realidade histórica, nem relatam fatos históricos, nem nos dizem como realmente foi. Portanto, é preciso romper o controle dos textos androcêntricos sobre a imaginação histórica e pensar a realidade a partir de uma perspectiva crítica”²⁷

A leitura feminista da Bíblia não desenvolveu um método próprio de interpretação, ao passo que os exegetas deste tipo de leitura, usam com mais freqüência o método histórico-crítico. Além disso, usam a hermenêutica da suspeita, pois tradicionalmente a história é contada da perspectiva dos vencedores e mais fortes, ao passo que coloca-se em dúvida os textos bíblicos. A leitura feminista também é realizada, tendo-se em mente o contexto social em que as Escrituras foram escritas. As mulheres, neste tempo, ocupavam posições inferiores aos homens, o que justificaria a predominância de homens na composição das Escrituras. Outros critérios também são levados em conta pelos exegetas da leitura feminista da Bíblia:

a) Ir além do texto escrito, de modo a perceber que as mulheres desempenharam papéis importantes no desenvolvimento das tradições orais do povo de Israel

²⁷Revista Os Estudos Bíblicos em Novas Perspectivas. Belo Horizonte:FAJE, 1999

b) Tentar explicar aqueles textos bíblicos onde a voz das mulheres não são ouvidas, o que caracterizaria uma intenção de diminuir a participação das mulheres

c) Ao que parece, Jesus trouxe uma mensagem de libertação das mulheres. Um dos muitos exemplos, é a menção na genealogia de Jesus de mulheres, o que contrariava a cultura judaica. Sendo assim, Cristo foi um exemplo da igualdade das mulheres em relação aos homens.

d) É usada uma linguagem masculinizada para se referir a Deus, de modo que a leitura feminista da Bíblia procura destacar também o feminino de Deus.

Portanto, a leitura feminista da bíblia, além de questionar aqueles textos bíblicos que demonstram uma influência patriarcal, esta leitura também procura destacar o papel das mulheres citadas nas Escrituras. Fiorenza, uma das principais teólogas feminista fez a seguinte interpretação sobre a personagem bíblica Febe.

“Contudo, o ofício de Febe na igreja de Cencréia não está limitado por papéis sexuais prescritos. Ela não é uma diaconisa das mulheres, mas um ministro da igreja inteira. O uso de *diakonos* em Rm 16.1, não é idêntico ao uso de Fl 1.1, onde nenhuma pessoa nomeada recebe este título, pois santos, inspetores e ministros (*diakonai*) são descrições de toda a comunidade. O termo não é usado de maneira formal, titular ou oficial. Paulo usa o mesmo título para caracterizar-se a si mesmo, a Apolo e seus opositores em 2Co 3.5,9, ele usa a expressão para enfatizar que foi Deus quem chamou Apolo e a si mesmo e lhes deu um ministério comum. Em 2 Co 6.1, ele se refere a toda comunidade como trabalhando todos juntos com Deus, recomendando a si mesmo como *diakonos* que sofreu muito no seu trabalho missionário. Em 1Tes, Paulo envia Timóteo ‘nosso irmão e colaborador de Deus’ no evangelho de Cristo(3.2). Segundo 1Co 16.15, os colaboradores de Deus são os que se ‘dedicaram a *diakonia* dos santos’. Os *diakonos* a semelhança dos *synergos*, é, pois um missionário a quem se confiou pregar e cuidar das igrejas. Uma vez que o termo é usado também em fontes extrabíblicas para se referir a pregar e ensinar, parece claro que os *diakonai* da missão paulina serviam na capacidade reconhecida e oficial de pregadores e mestres e mestres missionários. Pode-se, pois concluir que Febe é recomendada como mestre e missionária oficial na igreja de Cencréia.”²⁸

²⁸ FIORENZA, Elisabeth Schussler. *As Origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 203,204

2.4.3 – Hermenêutica Negra

No passado, a Bíblia foi usada como instrumento para justificar a escravidão dos povos africanos, ao passo que os exegetas da leitura negra levantaram suas vozes no sentido de que interpretação bíblica fosse realizada na perspectiva dos negros; pois estes foram durante muitos anos marginalizados. O texto bíblico de Gênesis 9.18-27 narra a história de Cam, um dos filhos de Noé. Houveram teólogos no passado que diziam que o pecado cometido por Cam corresponderia a uma espécie de pecado original cometido pelos negros, ao passo que Deus disse: "Maldito seja Canaã; seja servo dos servos de seus irmãos"²⁹ Esta passagem bíblica foi usada para justificar a escravidão dos negros, os quais estariam, inclusive, sob a maldição divina.

"Não é de admirar que esta visão preconceituosa tenha sido projetada em outros temas bíblicos. Deus teria criado a humanidade distinguindo-a entre brancos e pretos. Gn 38.27,28 – José vendido pelos próprios irmãos – foi entendido como uma espécie de protótipo do tráfico dos africanos, considerando um benefício concedido aos povos negros. Os textos bíblicos referentes aos etíopes – cushitas – eram aplicados, sem mais, aos negros. Gn 2.13, que alude à terra de Cush banhada pelo rio Geon, rio paraíso, foi interpretado como alusão à necessidade de os negros serem banhados a fim de se purificarem da sensualidade carnal. Am 9.7, explicaria o fato de os pecadores serem da cor preta, por estarem tingidos pelos vícios. Ct 1.5 – 'Sou negra, porém graciosa' – recebeu interpretações arbitrárias, em detrimento da raça negra. Mt 1.11,12, onde se alude ao cativo de Babilônia, serviu para justificar a vinda forçada dos negros da África para o Brasil. Esta transmigração estaria nos planos de Deus, sendo uma etapa de transmigração para o céu. Os textos neotestamentários sobre a submissão dos servos a seus senhores foram também usados como alibi para a escravidão (cf 3.22;Ef. 6.5-9;Tt 2.9,10; 2Tm 6.1)"³⁰

Com a o crescimento dos movimentos dos direitos civis nos Estados Unidos e também na América Latina, a Bíblia passou a ser lida como um instrumento de libertação dos negros da opressão. A chave hermenêutica desta leitura se baseia: a) no exemplo do êxodo, pois assim como Deus interveio e libertou o povo de Israel da

²⁹Bíblia de Estudo Esperança. São Paulo:Vida Nova, 1998

³⁰ Os Estudos Bíblicos em Novas Perspectivas. Belo Horizonte:FAJE, 1999

escravidão do Egito, os negos também deveriam ser libertos da opressão dos brancos; b) Deus também sempre se coloca ao lado dos marginalizados, ao passo que os negos seriam tratados de modo especial por Deus; c) Jesus se manifestou a favor dos excluídos, portanto os negos são alvo da misericórdia de Cristo; d) valorização das passagens bíblicas onde são mencionados os negos como Sf 1.1; Is18.7 e Am 9.7

2.5 – Hermenêutica Pentecostal – Assembleia de Deus

A Assembleia de Deus chegou ao Brasil por intermédio dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, que aportaram em Belém, capital do Estado do Pará, em 19 de novembro de 1910, vindos dos Estados Unidos. A princípio, frequentaram a Igreja Batista, denominação a que ambos pertenciam nos Estados Unidos. Eles traziam a doutrina do batismo no Espírito Santo, com a glossolalia — o falar em línguas espirituais (estranhas) — como a evidência inicial da manifestação para os adeptos do movimento. A manifestação do fenômeno já vinha ocorrendo em várias reuniões de oração nos Estados Unidos (e também de forma isolada em outros países), principalmente naquelas que eram conduzidas por Charles Fox Parham, mas teve seu apogeu inicial através de um de seus principais discípulos, um pastor leigo negro, chamado William Joseph Seymour, na rua Azusa, Los Angeles, em 1906.

A nova doutrina trouxe muita divergência. Enquanto um grupo aderiu, outro rejeitou. Assim, em duas assembleias distintas, conforme relatam as atas das sessões, os adeptos do pentecostalismo foram desligados e, em 18 de junho de 1911, juntamente com os missionários estrangeiros, fundaram uma nova igreja e adotaram o nome de Missão de Fé Apostólica, que já era empregado pelo movimento de Los Angeles, mas sem qualquer vínculo administrativo com William Joseph Seymour. A partir de então, passaram a reunir-se na casa de Celina de Albuquerque. Mais tarde, em 18 de janeiro de 1918 a nova igreja, por sugestão de Gunnar Vingren, passou a chamar-se Assembleia de Deus, em virtude da fundação das Assembleias de Deus nos Estados Unidos, em 1914, em Hot Springs, Arkansas, mas, outra vez, sem qualquer ligação institucional entre ambas as igrejas.

Todavia, nos primeiros anos da Assembléia de Deus no Brasil, o estudo formal das Escrituras, em escolas e seminários teológicos não eram recomendados, pois tais estudos, segundo a visão pentecostal da época, poderia esfriar o fervor pentecostal. Além disso, para os primeiros líderes da denominação o retorno de Jesus ao mundo, a fim de buscar sua igreja, estava próximo, com efeito o estudo era desestimulado, tendo em vista que os féis já estavam vivendo seus últimos dias na terra. Com o tempo, a Assembléia de Deus passou a dar mais espaço aos estudos realizados em centros de educação teológica, ao passo que hoje há dezenas delas espalhadas pelo país. Abaixo, segue a relação das instituições de ensino teológico que são credenciadas pela CGADB (Convenção Geral das Assembléias de Deus)

“1)IBAD -Instituto Bíblico das Assembléia de Deus;2) EBPS – Escola Bíblica Permanente em São; 3) EETAD - Escola de Educação Teológica das Assembléias de Deus;4) ESTEADEB-PE Escola Teológica das Assembléias de Deus no Brasil;5)CETAD-RN Centro de Educação Teológica da Assembléia de Deus; 6) FAETEPMAT – Faculdade de Educação Teológica Pentecostal das Assembléias de Deus no Estado de Mato Grosso; 7) IBADEP – Instituto Bíblico das Assembléias de Deus no Estado do Paraná; 8) SEBE – Seminário Evangélico Boa Esperança;9)IBADERJ – Instituto Bíblico das Assembléias de Deus no Estado do Rio de Janeiro;10) IBED – Instituto Bíblico Estrela de Davi;11) ETEQS – Escola Teológica Pr. Elizeu Queiroz de Souza;12) IBADI – Instituto Bíblico da Assembléia de Deus de Imperatriz – MA; 13) SETEQUE – Seminário Teológico Querigma;14) FACECADS – Faculdade do Centro Educacional e Cultura da Assembleia de Deus de Sorocaba – SP;15) REFINDIM – Faculdade Teológica Refindim;16) ETJOVIS – Escola Teológica Pastor Jose Vieira de Souza;17) IETEC – Instituto de Ensino Teológico em Campo Grande – RJ;18) IBE - Instituto Bíblico Esperança;19)SETB – Seminário Teológico Betel;20) ETADEC – Escola de Teologia da Assembleia de Deus em Cárceres;21) IBADEC – Instituto Bíblico da Assembleia de Deus em Caetés – RJ;22) FTECBA – Faculdade Teológica Cultural da Bahia;23) CETAD – Centro Educacional e Teológico da Assembleia de Deus em Americana – SP; 24) FATADB – Faculdade Teológica da Assembleia de Deus no Brasil;25) CETADEB – Centro Educacional Teológico das Assembléias de Deus do Brasil;26) IBTECH – Instituto Brasileiro de Teologia e Ciências Humanas;27) FATECRI – Faculdade Teológica Cristocêntrica;28) SEMEC – Seminário Evangélico Mensagem da Cruz”³¹

³¹ ceccgadb.blogspot.com >. Acesso em: 18 outubro de 2010

Apesar de os estudos bíblicos em escolas teológicas, no início da implantação da Assembléia de Deus, não terem sido considerados importantes para a liderança denominação, havia ainda sim, movimentos no sentido de que os fiéis conhecem as Escrituras. Desde sua fundação a Assembléia de Deus possui um sistema de ensino denominado de Escola Bíblica Dominical, onde todos os domingos pela manhã os membros da denominação vão à igreja para estudar temas relacionados com a Bíblia. A CPAD (Casa Publicadora da Assembléia de Deus – maior editora cristã da América latina) elabora os currículos deste sistema de ensino.

Enquanto as denominações históricas exerceram sua missão através de abertura de escolas, seminários, faculdades, a Assembléia de Deus se disseminou nas periferias das cidades ao passo que abriu-se a possibilidade de uma ativa participação dos leigos na liturgia das Assembleias de Deus, ao passo que adolescentes, jovens, mulheres e as vezes até as crianças podiam compartilhar meditações bíblicas com a congregação. Isso contribuiu para o contínuo surgimento de novas lideranças na denominação. Assim, cada membro tornava-se um intérprete das Escrituras, o que caracterizava certo subjetivismo nas interpretações.

Observa-se que muitos adeptos da Assembleia de Deus, quando realizam uma primeira leitura de um texto bíblico, não estão inicialmente preocupados com o contexto histórico, social, cultural do texto em si, mas o que mensagem Deus quer transmitir ao leitor. Informações como autoria, destinatário seriam informações secundárias. Todavia, com o desenvolvimento teológico na denominação foram surgindo hermeneutas preocupados em utilizar os recursos científicos disponíveis para realizar uma correta interpretação das Escrituras.

“O emprego do termo exegese não está limitado ao sentido etimológico anteriormente expandido, mas estende-se de seu significado primário à exegese como metodologia aplicada às Sagradas Escrituras. Metodologia da Exegese Bíblica, portanto, é a organização e análise sistemática dos processos que devem orientar a investigação científica da Bíblia. Consiste na aplicação dos princípios racionais de investigação usados em documentos pluriseculares com o propósito de apreender o estilo literário de cada autor, a estrutura da obra, as formas literárias do conjunto, entre outros. É o conjunto de procedimentos científicos empregados com o propósito de explicar o texto em sua diversidade. O uso de uma metodologia na exegese do texto bíblico não é fortuito, mas cumpre duas funções específicas: *viabilizar* a obtenção do conhecimento científico da Bíblia e *possibilitar* a sistematização lógica desse saber. O método em exegese, por

consequente, requer o emprego de uma ordem com a qual diferentes processos serão empregados para alcançar determinados resultados. Entende-se por processo, a forma como determinada técnica é aplicada, isto é, o modo específico de executar o método. O leitor crítico da Sagrada Escritura distingui-se do fugaz, que se apressa em sua leitura, e do fugidio, que teme o desafio hercúleo de compreendê-la em seus matizes. Esse leitor operante além de saber o que pesquisar, e como investigar, sabe muito bem como ordenar os conhecimentos obtidos. O seu conhecimento não está fundamentado única e precisamente nos sentidos, como o leitor fugaz; na experiência, como o leitor fugidio; ou em sua espiritualidade, como insistem os místicos e pneumatikos, mas nos princípios técnicos subsidiados pela razão iluminada que, à maneira agostiniana, recebe a comunicação da luz divina e, através dela, a inteligência é capaz de atingir o verdadeiro conhecimento. A cognoscibilidade disposta e aberta à iluminação divina. De modo algum essas proposições indeferem a espiritualidade do exegeta, no entanto, não reconhece que esta seja uma autoridade suficiente em si mesma para interpretar o texto bíblico em seus matizes filológicos e histórico-culturais. Espiritualidade e exegese são recíprocos, e ninguém convicto de sua sanidade mental dissociaria uma da outra. A exegese como metodologia bíblica não circunscreve-se a extrair o sentido dos textos através de normas e princípios hermenêuticos, mas como ciência bíblica, além de ensinar os métodos de interpretação de textos e o modo de aplicá-los corretamente, formula, estuda e critica os métodos de interpretação aplicados ao texto bíblico. Temos então um caráter tríptico da ciência exegetica: normatização, pesquisa e crítica.³²

Todavia, observa-se que ainda existe um grupo de pessoas na Assembleia de Deus, as quais afirmam que o conhecimento e a utilização de métodos exegeticos não é necessário, pois o conhecimento sobre Deus e sua vontade são alcançados, não mediante aos estudos, mas sim de uma revelação especial de Deus.

O resultado disso é que existe uma tensão entre aqueles que defendem a importância dos estudos formais para que sejam feitas leituras corretas das Escrituras e, aqueles que dependem de uma iluminação especial de Deus. Geralmente o segundo grupo tem uma tendência de realizar uma leitura literal das escrituras, ao pé da letra, além de usarem com frequência a alegorização. Um exemplo do uso da alegoria ocorreu quando um determinado pregador afirmou em seu sermão que os seios que são citados nos livros de Cantares de Salomão representam o Reino Norte e o Reino Sul de Israel respectivamente

³²TeologiaeGraca.blogspot.com>. Acesso em: 18 outubro de 2010

As leituras bíblicas dentro da Assembleia de Deus, têm dado um espaço maior à participação feminina. Segue abaixo, parte de uma mensagem publicada em um periódico da denominação.

“Enquanto os rabinos preferiam queimar livros a ensinar mulheres, Jesus gastava tempo ensinando-as e dirimindo-lhe as dúvidas (Lc 10.38-42 e Jô 4.7-25). Enquanto os homens se sentavam afastando delas, nas sinagogas, Ele não se importava de sentar com elas e dialogar. Enquanto na sinagoga era vedado-lhes o direito de ler a Escritura, Ele admitiu-as como cooperadoras de seu ministério (Lc 8.1-3). O gesto de Jesus descortinou para a mulher uma era de plena participação na obra de Deus. E os apóstolos, embora nascidos e formados numa sociedade discriminatória à mulher, fortaleceram a postura introduzida por Jesus em relação a elas. Dorcas, única mulher na Bíblia a ser chamada de discípula, exercia a verdadeira diaconia, demonstrando na prática seu amor a Deus e ao próximo. A aceitação e o apoio de Pedro ao seu trabalho nota-se quando ele, prontamente, foi orar para que Cristo ressuscitasse (At 9.36-42). Paulo contou sempre com o apoio feminino em seu ministério apostólico, e em suas cartas fazia questão de mostrar o seu reconhecimento àquelas piedosas servas de Deus (Rm 16.1-7,12;13,15)”³³

Sendo assim, a hermenêutica da Assembléia de Deus é multifacetada, em decorrência de que cada membro individualmente é um intérprete das Escrituras e, observa-se as seguintes características das leituras da Bíblia desta denominação:

- a) Tensão entre os que reivindicam o uso de outras ciências na interpretação bíblica e aqueles que as rejeitam
- b) Autonomia e subjetivismo na interpretação
- c) Ênfase na alegorização dos textos
- d) Amadurecimento em setores da denominação, a fim de valorizarem a educação teológica.

³³OBREIRO. Rio de Janeiro: CPAD, 2000-. Trimestral

3-Avaliando as Hermenêuticas Contemporâneas

Nenhum método de interpretação bíblica pode ser considerado como superior aos demais, tendo em vista que todas as maneiras de se ler a Bíblia aqui descritos, tem seus pontos positivos e negativos. Sendo assim, neste capítulo será realizada uma avaliação das hermenêuticas contemporâneas.

3.1 – A Leitura da Bíblia a partir dos Pais da Igreja

Os Pais da Igreja propunham que a Bíblia devia ser lida holisticamente pois narrativa bíblica é uma história contínua, intimamente ligada, de Gênesis a Apocalipse. O Velho Testamento continua no Novo. Na verdade, os temas apresentados naquele encontram seu cumprimento na estrutura narrativa deste. Continuidade e cumprimento caracterizam toda a história. Mais importante ainda, os pais insistem que a narrativa bíblica alcança seu clímax temático com a encarnação, crucificação e ressurreição do Filho de Deus. De fato, os focos do Novo Testamento encarnacional, soteriológico e escatológico — esclarecem e aprofundam o próprio testemunho do Velho Testamento. Leremos a Bíblia ineficaz e incorretamente, advertem os pais, se falharmos em ler suas partes individuais à luz da sua mensagem abrangente e unificadora.

“A partir do Antigo Testamento, os primeiros cristãos chegaram a compreender o significado mais profundo de paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Na maneira como liam sua Bíblia, os cristãos fizeram uma confissão clara: o Antigo Testamento era fundamental para eles. Lá encontravam a Jesus”¹

Para os pais da igreja nenhuma destas palavras-chave - Jesus, Israel igreja - pode ser interpretada desconsiderando seu lugar na linha histórica abrangente da narrativa bíblica, como apresentada pelos autores bíblicos. Elas encontram seu significado dentro dessa história. Assim, esses termos-chave têm seu significado semântico desenvolvido à medida que a história expande-se e move-se para o clímax.

¹DREHER, Martin N. *Bíblia suas leituras e Interpretações na História do Cristianismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 9

A hermenêutica, portanto, envolve mais do que descobrir e elucidar a intenção do autor. Ela circunda uma tarefa mais ampla, a de ler textos dentro da estrutura temática de toda a Bíblia. O erro interpretativo ocorrerá inevitavelmente, se apenas parte da história for aceita como dominante ou se partes anteriores da narrativa forem lidas isoladas dos capítulos finais da história. Intérpretes gnósticos, como Marcião, por exemplo, liam o Novo Testamento de maneira distorcida, porque rejeitavam o fundamento da narrativa bíblica do Velho Testamento. O Novo Testamento não pode ser compreendido separado do Velho. Por outro lado, aquele lança nova luz sobre este, desenterrando tesouros inesperados ocultos em seu texto².

Eles também pensavam a Bíblia de maneira cristológica. Todos os pais liam a Escritura através do prisma da encarnação, crucificação, ressurreição e ascensão de Cristo. Unanimemente, afirmavam que todo o Velho Testamento – e muito particularmente os Salmos – é em sua maior parte cristológico.

- a) O contexto original — um texto escriturístico pode originalmente ter sido escrito em referência a uma pessoa justa, a um rei ou a um profeta.
- b) Frequentemente, seções do Velho Testamento escritas posteriormente reinterpretem e vêem um texto como tendo relevância escatológica
- c) O próprio Jesus pode ter associado o texto à sua própria pessoa e obra
- d) O texto é então “relido” no conhecimento da ressurreição.
- e) Em seguida, a igreja lê o texto como uma explicação ou ilustração da pessoa e função do Cristo ressurgido.
- f) Uma vez que a igreja é vista como a continuação de Cristo sobre a terra - o corpo de Cristo - o texto será lido em relação a ela e à comunidade³.

Os pais da igreja também ensinavam que a leitura da Bíblia deve ser realizada comunitariamente dentro do corpo de Cristo, pois, os pais insistiam que a exegese

²VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica Avançada*. São Paulo: Vida, 1999, p. 34

³STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?* São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 212

é uma tarefa eclesial. Ela tem lugar dentro da igreja para a igreja. A conscientização da natureza comunitária da exegese era especialmente realçada no encontro da igreja primitiva com os gnósticos, defensores de uma hermenêutica solitária que alegavam ter recebido em secreto uma revelação como o discernimento interpretativo.⁴

Irineu, o grande opositor dos gnósticos, rejeitava a possibilidade da revelação e interpretação secretas, porque o significado de Jesus e da narrativa que conduz à sua vinda somente pode ser descoberto e explicado na comunidade que Ele fundou, a comunidade cuja verdadeira existência culmina na estrutura do enredo da narrativa bíblica. Acredita-se, portanto que a leitura das Escrituras precisa ser realizada na comunidade da fé e não de forma isolada.

“À medida que a igreja avaliava a mensagem do evangelho e sua relação com a narrativa do Velho Testamento, ela formulava uma regra de fé — uma espécie de sumário taquigrafado da alma da mensagem cristã — para ajudar seus membros a compreenderem a essência da fé cristã e a lerem bem a Bíblia. Os pais pareciam ter uma percepção inata das tendências dos crentes, especialmente os neófitos, de atribuir a si próprios temas menores e questões periféricas. Assim como eles sumarizavam o evangelho na regra de fé, focalizavam intencionalmente os pontos não-negociáveis, aquelas verdades que todos os cristãos devem crer, se quiserem ostentar o nome de Cristo.”⁶

Para os pais, portanto, a hermenêutica não é uma ciência objetiva que pode ser praticada por qualquer estudioso dentro de qualquer contexto. Antes, a hermenêutica em Cristo torna-se uma arte espiritual, comunitária, interpretativa. Ela pode ser exercitada segura, sábia e proveitosamente apenas por aqueles cuja mente e coração têm sido imergidos no próprio evangelho e por ele moldados dentro da reflexão, devoção e adoração da comunidade cristã.

⁴STUART, 1984, p. 223

⁵STURAT, 1984. p. 236

⁶VIRKLER, 1999, p. 64

“Isto significa que a interpretação apropriada não consiste em uma posição inicial de busca de uma leitura puramente objetiva ou neutra, à qual o elemento fé seja acrescido subsequente. Antes, porém, desde o início, o leitor cristão recebe uma compreensão por meio da qual identifica-se com a fé apostólica à espera de uma nova palavra de Deus por meio do Espírito. Os exegetas patrísticos conduziam sua obra na igreja para a igreja, uma idéia estranha a muitos estudiosos modernos que conduzem sua obra na academia e basicamente para a academia. Portanto, diz Childs, o desafio de reclamar a Bíblia para a igreja é temeroso, especialmente neste tempo em que a sociedade acadêmica está movendo-se precisamente para a direção oposta. Portanto, para os pais da Igreja a Bíblia precisa ser lida dentro do contexto e prática da oração, adoração e formação espiritual. As pessoas que lêem os pais pela primeira vez precisam ter em mente o que eles podem e o que não podem oferecer-lhes em sua exegese da Bíblia. Os exegetas patrísticos tinham menos ferramentas lingüísticas, históricas e teológicas disponíveis para seu estudo da Escritura do que o exegeta moderno. Os estudantes que procuram sua exegese esperando encontrar um comentário moderno afasta-se desapontado.”⁷

Portanto, para os pais da Igreja, a leitura bíblica só tem sentido se realizada num contexto da comunidade e de devoção espiritual. A preocupação dos pais sobre a ligação entre saúde espiritual, vida na igreja e comentário sobre o livro da igreja censura a tendência moderna de separar a escolaridade da espiritualidade e adoração. Para eles a escolaridade acadêmica não era a única prerrogativa para se realizar uma boa interpretação das Escrituras.

“A exegese tem muitos outros aspectos muito importantes. Os pais ajudam-nos extraordinariamente a encontrar o contrapeso para o vazio e a pobreza espiritual existentes em muitos comentários modernos, que, sob o pretexto de parecerem científicos, estritamente críticos e históricos, passam sobre a dimensão fundamental de nossa salvação na Escritura. Hoje estamos cerca de vinte séculos distantes dos autores do Novo Testamento, mas os pais estavam muito mais perto dos eventos salutare e eram, portanto, mais competentes para captar o espírito por trás dos registros escriturísticos.”⁸

⁷VIRKLER, 1999, p. 52

⁸CHAMPLIN, R.N. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 116

Tendo em vista a aproximação hermenêutica e histórica dos pais em relação à igreja do Novo Testamento e sua tradição apostólica requer que ouçamos cuidadosamente suas colocações, conselhos e intuições exegéticos. A música que eles ouvem ao escutarem os autores bíblicos é muitas vezes diferente das melodias e ritmos dos quais os estudiosos modernos usufruem.⁹

“os pais são mais aptos para assimilar as idéias-chave e desafiar o verdadeiro significado dos temas fundamentais do Novo Testamento do que os autores modernos treinados na escola do estruturalismo ou crítica racional, que pensam em diferentes categorias e são animados por uma mentalidade muito diferente. Certamente, não sugerimos a exclusão de uma exegese crítica, e não há dano algum em aceitar o método de abordagem das Escrituras. Mas é muito importante reconhecer que a exegese patrística suscita um corretivo indispensável, indicando-nos, por uma segura intuição, o profundo sentido do texto bíblico.”¹⁰

Quase todos os pais eram pastores, muitos eram bispos. Como líderes da igreja, eles não exerciam o ensino bíblico apenas como um exercício acadêmico. Seu trabalho exegético era feito no contexto da preparação de sermões ou instrução dos cristãos . Quando liam um texto, perguntavam a si mesmos: Qual é a palavra de Cristo neste texto para minha congregação? Como posso pastorear meu rebanho mais eficazmente pela boa pregação deste texto?

O coração pastoral refletido na literatura patrística mantém-se um campo ainda pouco explorado por pastores e professores. Porque os pais eram bem aprofundados na narrativa bíblica e suas implicações para a saúde e o crescimento espiritual, recusavam-se a permitir que seus estudantes tratassem o estudo bíblico de forma abstrata, como um estimulante intelectual dissociado do chamado diário para refletir Cristo em palavras e ações.

Sendo assim, para os pais da igreja, o estudo pelo simples prazer intelectual era insatisfatório, pois o alvo do estudo bíblico visava o crescimento da comunidade cristã, bem como a glorificação do nome de Cristo.

⁹CHAMPLIN, 2004, p. 115

¹⁰CHAMPLIN, 2004, p. 117

“Considere, por exemplo, a luta de Agostinho com a Bíblia, como jovem que apenas começava a desabrochar intelectualmente. Ele desejava estudar a Escritura, mas à distância. Em suas “Confessions” (Confissões), ele associa sua atitude céptica para com a Bíblia ao seu orgulho. “Elas [as Escrituras] eram decerto de uma natureza para crescer em teus pequeninos. Mas eu não tolerava ser um pequenino; eu estava tão-somente inchado de orgulho, mas, mim mesmo, parecia um homem colossalmente grande. Em um dos seus últimos sermões, ele relembrou sua perspectiva distorcida de quando jovem: “Eu, que vos falo, estava iludido no passado, quando, ainda em minha juventude, tentei começar a aplicar às Escrituras divinas discussões críticas, em vez de piedosa investigação. Em minha frouxa moralidade, fechei meu próprio acesso ao Senhor..... Em meu orgulho, ousei procurar aquilo que nenhum homem pode achar, a menos que pratique a humildade.”¹¹

Com o passar dos anos, as recordações de Agostinho da leitura da Bíblia continuaram bem vivas em sua memória.

“Nós, jovens brilhantes e maravilhosos inquiridores da razão, nem mesmo tendo aberto estes livros, nem olhado para os mestres, nem dirigido a menor acusação à nossa própria estupidez e, finalmente, nem mesmo tendo permitido uma compreensão mediana àqueles homens, que, por tanto tempo desejaram livros desta espécie para lerem, guardá-los e expô-los pelo mundo inteiro, pensamos que nenhuma confiança devesse ser dada a esses homens. Estávamos sendo levados a essa opinião pelas palavras daqueles que eram seus inimigos e no meio dos quais seríamos forçados a apreciar e acreditar, sob fingimento, em milhares de fábulas não contadas.”¹²

De sua conversão até seu chamado para ordenar-se ministro até o fim de sua vida, Agostinho insistiu sobre o vínculo inseparável entre o conhecimento da escritura, a comunidade da fé e a humildade na orientação na interpretação bíblica. Para Agostinho, o conhecimento de Deus não era limitado a obtenção de informações religiosas, mas conhecimento também deveria ter uma relação com o amor a Deus. Se fosse possível mensurar o quanto um homem conhecia a Deus, isso se daria pelo maneira como este mesmo homem se relaciona com a divindade.

Portanto o estudo das Escrituras, para Agostinho precisava andar em conjunto com uma vida de devoção e entrega a Deus.

¹¹STUART, 1984, p. 304

¹²STUART, 1984, p. 300

Uma carta a seu bispo, escrita pouco depois de sua ordenação mostra bem sua dramática mudança de perspectiva. Ele estava lendo inteiramente a Escritura com novos olhos e uma nova atitude. Foi-se seu orgulho e sua autoconfiança.

“Eu tinha de estudar todas as suas prescrições nas Escrituras, orar e ler, agindo de tal modo que força suficiente para tais deveres perigosos fosse concedida à minha alma. Não o fiz antes porque não tive tempo, mas tão logo recebi ordem, planejei usar todo o tempo de lazer para estudar as Escrituras Sagradas. ... Ajuda-me....com suas orações... Sei que o Senhor não despreza a piedade das orações em tal causa, mas talvez Ele as aceitará como um sacrifício de aroma suave e me restaurar em tempo mais curto do que eu tinha pedido, armado com o conhecimento salvador das Escrituras.”¹³

Orígenes também alertou contra uma abordagem mal direcionada da exegese, temendo que a familiaridade com a Escritura pudesse alimentar um orgulho que distorcesse nossa capacidade de ler bem a Bíblia.

“Sejamos também cuidadosos, porque muitas vezes perto do poço de água viva....Isto porque precisamos de muitas lágrimas e orações incessantes a fim de que o Senhor possa abrir nossos olhos. ... Mas por que usar a metáfora abrir os olhos, se eles já estão abertos? Porque Jesus desceu para abrir os olhos dos cegos e o véu da lei foi removido.”¹⁴

Consideremos também a exortação de Jerônimo ao monge Rústico:

“Faça de sua cela seu paraíso, colha ali as frutas variadas da Escritura, deleite-se nestes livros santos e desfrute sua intimidade....Nunca tire sua mão ou seus olhos de seu livro; aprenda os salmos palavra por palavra, ore sem cessar.” Ponderemos também seu conselho a dois amigos íntimos: “Se há alguma coisa, ó Paula e Eustochium, que aqui embaixo pode manter-nos firmes e nossa alma em equilíbrio no meio de tribulações e do alvoroço deste mundo, eu creio que é, acima de tudo e em primeiro lugar, a meditação sobre as Escrituras, como também o conhecimento delas.”¹⁵

Ambrósio também expõe seu profundo discernimento ante o relacionamento entre o estado de seu coração e sua capacidade de ler bem a Escritura na oração encontrada já no final da sua exegese do Salmo 119:

¹³CHAMPLIN, 2004, p. 378

¹⁴CHAMPLIN, 2004, p. 380

¹⁵CHAMPLIN, 2004, p. 387

“Vem, pois, Senhor Jesus, olhar teu servo, buscar a ovelha cansada Vem, ó pastor e procura-me como José procurou seus irmãos [Gn 37.16]. Tua ovelha desgarrou, enquanto tu habitavas nas montanhas. Deixa ali as outras noventa e nove ovelhas e vem procurar aquela que se extraviou. Vem sem os cães, sem os trabalhadores maus, sem os mercenários tão estranhos para entrar pela porta. Vem sem buscar ajuda ou sem ser anunciado: há muito que espero tua chegada. Eu sei que virás, “porque dos teus mandamentos não me esqueci”. Vem, não com um chicote, mas com caridade e bondade de coração.....Vem a mim, pois estou agitado pelas incursões dos lobos vorazes. Vem a mim, pois fui expulso do Paraíso...Tenho vagado longe do rebanho, que pasta no alto...Puseste-me lá, mas o lobo que vagueia pela noite afugentou-me do aprisco. Vem procurar-me, porque eu também estou procurando por ti. Procura-me, acha-me, toma-me para ti, leva-me. Tu podes achar aquele que procuras: dignas acolher aquele que achas e o colocas sobre teus ombros. ... Vem tu mesmo procurar tua ovelha, em lugar de enviar servos ou mercenários para a buscar. Atrai-me a ti nesta carne que falhou em Adão: atrai-me a ti, não de Sara, mas de Maria. ... Leva-me à tua cruz, pela qual todo o que morre pode viver de novo.”¹⁶

Acredita-se que a maneira como os pais da igreja liam e interpretavam as Escrituras não era perfeita, todavia eles tem muito a ensinar aos exegetas da contemporaneidade, tendo em vista que viveram em um período muito próximo à formação das Escrituras cristãs e seus primeiros destinatários.

3.2-Avaliação do Método Histórico-Crítico

Acredita-se que embora, este método trouxe varias contribuições no que se refere à interpretação bíblica, o método histórico crítico possui muitas limitações as quais serão aqui abordadas. Hans Georg Gadamer dedicou muito de seus estudos à questão do que é compreender. Ele criticou a absolutização da verdade reivindicada pelo pelos exegetas do método histórico crítico. Para Gadamer a verdade encontra-se no ato da interpretação.

“Desse modo, ele começa, por afastar a tese que serve de apoio aos procedimentos do historicismo, segundo a qual a compreensão se confunde com a reprodução produtiva do ato originário da produção: pois entender aquilo que diz um texto, objetiva, não poderia reduzir a identificar seu referencial histórico, a restituir o universo cultural que o viu nascer ou esclarecer as condições de sua escrita.

¹⁶CHAMPLIN, 2004, p. 391

Gadamer tampouco ratifica as opiniões que identificam a compreensão com uma empatia sentida em relação ao autor, pois compreender uma obra, objeto mais uma vez, é algo diferente de atualizar os pensamentos ou intenções daquele que a produziu. Finalmente, ele recusa a problemática que confia a um método o cuidado de identificar a verdade de um texto. Todo método cria seu objeto, dele extraindo portanto somente aquilo que é capaz de reconhecer, excluindo todo o resto”¹⁷

Portanto, o sentido de um texto bíblico não se esgota na intenção original de seu autor,mas o interprete precisa ser capaz de atualizar este texto à sua realidade. P. Ricoeur, um dos principais estudiosos do assunto afirmou que:

“O texto deve ser capaz, tanto do ponto de vista sociológico como do psicológico, de se descontextualizar de modo a se deixar recontextualizar e uma nova situação: o que faz precisamente o ato de ler. A partir disto, é possível examinar a operação que se inicia. Ela implica o reconhecimento de que um texto não se esgota no sentido de suas palavras e de suas estruturas, mas tem o poder de fazer surgir uma realidade que ultrapassa sua textualidade. P. Ricoeur a chama de ‘mundo do texto’ ou ainda ‘coisa do texto’, designando com expressões o mundo que o texto desenvolve diante de si. É precisam ente esse mundo que, na leitura, entra em contato e em composição com o mundo do leitor, construindo-se o sentido na interseção entre um e outro”¹⁸

Além disso, percebe-se que por causa da visão racionalista dos exegetas do método histórico crítico criou-se um distanciamento entre a academia e a igreja, pois os resultados obtidos pelo método quase sempre não tem aplicabilidade na eclesiologia.

Para Uwe o método histórico crítico tem sido censurado pelos seguintes motivos:

“Cultiva uma academicidade alheia à maioria dos integrantes das comunidades, criando barreiras entre teólogos ou teólogas e o povo leigo. O exegeta histórico crítico tende a uma atitude de arrogância face a outras ou outros colegas considerados ‘ingênuos’ ou conservadores. Favorece uma espécie de idolatria do intelecto e de tudo o que é racional e racionalizável, em detrimento de outros modos de percepção da realidade. Muitas vezes em estudo racional dos textos anda paralelamente a um aumento das dúvidas de fé. Apresenta resultados sempre parcialmente questionáveis, ou seja, não favorece a segurança desejável em suas proposições.A análise crítica pode tender a assenhorar-se do texto.

¹⁷PELLETIER,Ane-Marie. **Bíblia e Hermenêutica hoje**. São Paulo: Loyola, 2006, p. 65

¹⁸PELLETIER , 2006, p. 73

O resultado é que se interpreta o texto, mas não se escuta mais nele uma interpelação para a nossa vida. A Bíblia, nesses casos, pode torna-se extremamente interessante, mas pouco relevante para a vida. Percebem-se poucos resultados práticos para a aplicação da mensagem do texto à vida das pessoas. Muitos pesquisadores e pesquisadoras entendem, inclusive, que a pergunta pela aplicabilidade de um texto não é tarefa da exegese, mas da homilética. Em decorrência, limitam a tarefa da exegese histórico crítica ao esclarecimento do sentido original do texto, sem considerar o seu significado dentro da vida atual da pessoa crente. Vários pesquisadores têm apontado para o historicismo como a maior falácia deste método. De fato, em muitos manuais de exegese, tem-se a impressão de que a interpretação histórico crítica se reduz a uma mera apuração histórica do primeiro sentido de um texto, tornando-o prisioneiro de um passado remoto. Seguidamente intérpretes do método entendem histórico segundo o modelo de interpretação da arqueologia. Este parte do pressuposto de que as camadas que se agregaram posteriormente a um estrato primitivo da tradição são secundárias e, como tais de menor valor. O método contribui, assim, para uma valorização única e exclusiva daquilo que é primário e original numa tradição, desprezando todo o risco processo de seu posterior desenvolvimento”¹⁹

O método histórico crítico, como método exegético, pretendia ser isento de pressupostos e ter a razão e a ciência moderna como ferramentas, visando alcançar o sentido verdadeiro do texto. Dessa forma, este método retirou da Bíblia o status de texto sagrado, tornando-o uma coleção com o testemunho do povo antigo de Israel e dos cristãos do primeiro século, sujeito à críticas como qualquer outro texto. Na verdade, o método histórico crítico é um agrupamento de vários métodos.

“O fato de que desde o início a pesquisa histórica tenha sido associada explicitamente, em muitos autores, ao projeto de desacreditar e enfraquecer a fé cristã não poderia senão ampliar o choque. Assim, todas as primeiras investigações comparativistas do século XVII são obra dos partidários de um deísmo ofensivo. No século XVIII, a controvérsia anticristã dos filósofos e enciclopedistas fez do texto bíblico o ponto de aplicação privilegiado de sua ofensiva. A partir de 1760 em particular, uma torrente de publicações virulentas surgiu na esteira dos escritos de Voltaire. Este, grande leitor da Bíblia, questiona interminavelmente o texto, a ponto de chegar, em relação a certas questões de crítica redacional, a hipótese não destituídas de valor, o objetivo é o de fazer o processo do texto e de denunciar a Igreja e seus clérigos, que abusariam dos ingênuos pela utilização que dela fazem. A Bíblia é fundamentalmente inepta e imoral, repete Voltaire. O *Catechismo de l'honnête homme* afirma estar ela repleta de um número prodigioso de fábulas que parecem mais absurdas que as *Metamorfoses* de Ovídio, repleta também de relatos a transformá-la em um tecido de crueldades. Entre os espíritos que se consideram esclarecidos, é comum a idéia, ao final do século XVIII, de que a Bíblia é simplesmente a mitologia do Ocidente, marcada de ingenuidade e preconceitos de uma época obscura e ultrapassada”²⁰

¹⁹WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 20

²⁰PELLETIER, 2006, p. 41

Percebe-se que existe um preconceito teológico dos exegetas do método histórico crítico em relação àqueles que acreditam ser a Bíblia um livro inspirado por Deus, tendo em vista que os exegetas deste método reivindicam o pensamento de uma religião cristã natural, destituída de relatos sobrenaturais inexplicáveis pela razão. Portanto, acredita-se que o Método Histórico Crítico é problemático considerando que ele se propõe a ser um método científico, objetivo e neutro, quando percebe-se que o mesmo é possuidor de juízo de valor e subjetivo em seus critérios e pressupostos.

Um outro problema do Método Histórico Crítico é a não crítica a outros documentos ou a hipótese de que outros documentos estão corretos e o texto bíblico, como documento, não é verídico.

A Bíblia é reduzida a um texto como qualquer outro, merecedor de crítica. Todavia, para se fazer a crítica, usa-se outros textos, Mas, estes outros textos, não sofrem a mesma crítica. Assim, quando determinada passagem bíblica entra em contradição com o relato de outro texto antigo, o exegeta do Método Histórico Crítico, por causa dos pressupostos racionalistas, influenciados pela revolta com a religião institucionalizada, parte da premissa que o outro documento é verídico e o texto bíblico que está equivocado.

Um exemplo disso é a interpretação que exegetas do método fazem sobre os patriarcas citados na Bíblia. Para eles a saga histórica contida na Bíblia – do encontro de Abraão com Deus e sua jornada para Canaã, da libertação mosaica dos filhos de Judá – não foi uma revelação miraculosa, mas uma produção da imaginação humana. Ela foi concebida pela primeira vez – como as recentes descobertas arqueológicas sugerem – no espaço de duas ou três gerações, a cerca de dois mil e seiscentos anos atrás. Seu berço foi o reino de Judá, uma, uma região escassamente povoada por pastores e agricultores, governada por uma isolada cidade real praticamente encravada no coração da região montanhosa²¹.

Para argumentação de sua tese, no entanto, afirmam que buscam dados na História e na Arqueologia e deixam claro que o que entendem destas disciplinas advém da concepção moderna de História, pois, para eles, estas disciplinas

²¹FINKELSTEIN, Israel. **A Bíblia não tinha razão**. São Paulo: A Girafa, 2003, p. 45

revolucionaram o estudo de Israel primitivo e lançaram sérias dúvidas sobre as bases históricas das passagens contidas na Bíblia. No entanto, estes interpretes não criticam estes textos científicos com o mesmo rigor com que criticam os textos bíblicos, o que configura um juízo de valor tendencioso.

Não menos importante é o problema que o método histórico crítico muitas vezes se apresentar como única opção não religiosa de análise Bíblica. Ligado a esta apresentação está o pressuposto pejorativo que se tem para com a palavra fundamentalista.

A maioria das pessoas, ao ouvir esta palavra, se sente mal e imagina um grupo de pessoas fanáticas que, sem nenhuma posição reflexiva, está pronta para agredir qualquer um que discordar da sua forma de pensar. Dessa forma, o método histórico crítico torna-se a outra opção, ou seja a forma inteligente de se estudar a Bíblia. Entretanto, o fundamentalista não é outra única opção e nem tem significado pejorativo que muitas vezes é transmitido no senso comum. O termo fundamentalista, originalmente, não está ligado às pessoas ou práticas religiosas intolerantes, mas a líderes cristãos norte-americanos que esboçaram princípios discordantes ao método histórico crítico.

Todavia, o método histórico crítico tem pontos positivos, os quais podem ser úteis na interpretação bíblica, conforme afirmou Uwe.

“A dimensão histórica propugnada pelo método traz uma série de vantagens, dentre as quais destacamos: ela leva a sério que os textos bíblicos são expressões da revelação divina à humanidade em situações históricas bem concretas e definidas. Por estarem distantes de nós como intérpretes, estas carecem de estudo e aprofundamento especiais, para que possam ser devidamente entendidas; uma análise de textos preocupada com sua gênese histórica e contextual; o estudo sério e cuidadoso da intenção histórica original dos textos protegendo-os contra a fácil manipulação do seu sentido por interesses ou interpretações subjetivas ou, então, determinadas por posições ideológicas ou de classe social; o estudo da evolução histórica dos textos bíblicos nos torna mais sensíveis para a rica pluralidade que representam os seus diversos estágios de conteúdo. O fato de o método não ser só de cunho histórico, mas também crítico, oferece vantagens adicionais, entre as quais podem ser citadas as seguintes: a leitura crítica dos textos pode significar um corretivo sadio para o enquadramento unilateral dos mesmos em certos dogmas ou em doutrinas fechadas. Klaus Berger, por exemplo, é da opinião de que a exegese pode oferecer corretivos sadios para alternativas inapropriadas, como, por exemplo, graça divina ou ação humana, Deus amoroso ou Deus juiz, pecado pessoal ou estrutural, providência divina ou liberdade humana, eleição de Israel ou Igreja cristã; uma atitude crítica na interpretação evita falsas harmonizações de posições teológicas em tensão ou conflito dentro do cristianismo das origens. A crítica permite-nos uma melhor visão da diversidade e pluralidade de teologias, cristologias e posições assumidas dentro da Bíblia; a crítica histórica ajuda-nos a entender melhor a Bíblia como livro de expressão de fé, oportunizando uma

diferenciação sadia entre o que pode ser considerado como histórico-fatual e aquilo que, revestido de forma histórica, procura dar testemunho de verdades cridas e vividas no discipulado”²²

3.3– Avaliação da Hermenêutica Neopentecostal

O método de interpretação das Escrituras utilizado pelos bispos e pastores da Igreja Universal do Reino de Deus consiste, em geral, numa atualização ou transposição das experiências religiosas as de personagens bíblicos para os dias atuais. Isso ocorre em virtude do que entendem ser a Bíblia. Pelo uso que estes pastores fazem da Bíblia parece que não vêm as Escrituras como a revelação de Deus, mas como um livro de experiências religiosas, que começa com Israel, no Velho Testamento, e termina com a humanidade, em Apocalipse, experiências essas que podem ser repetidas nos mesmos moldes, nos dias atuais. Os episódios bíblicos são utilizados como ferramenta hermenêutica, que lhes permite usar a Bíblia como base para sua pratica.

Nesta tentativa de repetir os episódios bíblicos, existe uma grande dose de alegorização dos textos bíblicos e total desrespeito pelo contexto histórico dos mesmos. Por exemplo, assim como Noé fez uma aliança com Deus, podemos nós também fazê-la. Assim como José cercou as muralhas de Jericó e ao som das trombetas elas caíram, assim ao som das trombetas das dificuldades e problemas derrubá-las em nome de Jesus. A vara que Moisés usou, o cajado de Jacó, os aventais de Paulo, todas essas coisas e muitas outras tiradas das histórias bíblicas a fim de serem atualizadas na realidade das pessoas.

“Cada fiel encarna o personagem histórico do texto na situação com a qual mais se identifica assumindo as suas atitudes, tomando posse ou determinando (como dizem os iurdianos), os mesmos resultados, com a confiança – a fé sobrenatural de que os mesmos se sucederão na sua vida, desconsiderando as distâncias culturais e mesmo a possibilidade de Deus agir diferentemente no seu caso. Isso feito, afirmam: Deus fica na obrigação de garantir os mesmos resultados todas as vezes que alguém tomar posse dos mesmos conteúdos vivenciados no texto como se fossem os seus, já que eles não consideram a distância sócio-histórica entre o texto e o fiel como relevantes, mas unicamente o fim desejado. Como o fundamentalismo iurdiano não vê isso como problema, pois sua pretensão é obter respostas atrativas para os problemas que afligem a realidade humana, ele não só estabelece o seu método interpretativo”²³

²²WEGNER, 1998, p.21

²³SILVA, Dionísio Oliveira. *O Comércio do Sagrado*. Paraná: Descoberta, 2004, p. 94

Portanto, a hermenêutica neopentecostal empobrece a interpretação bíblica, pelo fato de não levar em consideração os contextos nos quais os textos bíblicos foram produzidos. Uma questão importante na hermenêutica neopentecostal é que ele é pragmática e empírica. Pragmática se entende que a interpretação bíblica do neopentecostalismo busca praticidade ou funcionalidade de sua crença; se algo é prático e dá certo, então é preciso inserir na doutrina neopentecostal. Quando algum estudioso critica as experiências e crenças no neopentecostalismo, os seus promotores dizem que seus métodos têm dado certo. Sempre se recorre a funcionalidade de suas doutrinas. A experiência sempre procede a doutrina no neopentecostalismo. No neopentecostalismo – inclusive nos seus enclaves nas denominações históricas -, por mais que seus integrantes se declarem defensores das Escrituras, a importância atribuída aos fenômenos, maravilhas e novas revelações os empurrarão à incômoda consequência prática de terem na Bíblia a sua fonte secundária de conhecimento.

No contexto na interpretação bíblica, a experiência conta como a mais alta autoridade, determinando os sentidos de um texto. A Bíblia, nessa situação, não é a regra de fé e prática. Kenneth Hagin, um dos inspiradores da doutrina neopentecostal estabeleceu a fórmula de fé da confissão positiva, baseado em um suposto encontro com Jesus, por meio da visão ele criou uma nova doutrina. A revelação, as crenças pessoais, as profecias, as visões tomam o lugar da Palavra de Deus, no momento em que elas estabelecem doutrina.

A hermenêutica neopentecostal é individualista. Quando se lê a Bíblia, não procuram compreender o significado original que o escritor, inspirado pelo Espírito Santo, escreveu. Cada crente que leia a sua Bíblia e interprete da maneira transcendental, por meio de uma revelação interior. Procuram sempre achar novas verdades, e dizem ser portadores de nova revelações, desprezadas pelas igrejas durante séculos. Sendo esse entendimento, sempre individual, por meio de uma iluminação. Na leitura neopentecostal, o Espírito Santo, dá o significado de um texto para necessidades específicas de várias pessoas, ou seja, o versículo passa a não ter uma significação absoluta, mas é uma mensagem diferente em cada revelação.

“Os detalhes históricos do texto não têm para a Igreja Universal do Reino de Deus poder de determinação do sentido que o discurso imprimirá no mesmo. O texto é usado para imprimir na mente do fiel a certeza de que é realmente a vontade de Deus, que ele seja outro Gideão será repetido impreterivelmente com ele, só que agora aplicado a sua busca de prosperidade representada pela abundância de bens”²⁴

Sendo assim observa-se uma deficiência dessas novas igrejas no que se refere a maneira como interpretam a Bíblia. Os reformadores protestantes insistiram no valioso, porém arriscado, princípio do livre exame das Escrituras, ou seja, de que todo cristão tem o direito e o dever de ler e estudar por si mesmo a Palavra de Deus. Acontece que muitos viram nisso uma licença para a livre interpretação do texto sagrado, o que nunca esteve na mente dos líderes da Reforma. Eles lutaram contra uma abordagem individualista e tendenciosa da Escritura, insistindo na adoção de princípios equilibrados de interpretação que levavam em conta o sentido literal e gramatical do texto, a intenção original do autor, o contexto histórico das passagens e também a tradição exegética da igreja. Por essas razões, eles rejeitaram o antigo método de interpretação alegórica, isto é, a busca de sentidos múltiplos na Escritura, por entenderam que ela obscurecia e distorcia a mensagem bíblica.

Em muitas igrejas neopentecostais nada disso é levado em consideração, pois nas interpretações neste movimento são realizadas de acordo com suas conveniências. Tomam-se diferentes declarações, episódios e símbolos bíblicos e, sem esforço algum de interpretação, passa-se diretamente para a aplicação, muitas vezes de uma maneira que nada tem a ver com o propósito original da passagem. O que é ainda mais grave, os textos bíblicos são usados de modo mágico, como se fossem amuletos ou talismãs, como se tivessem um poder imanente e intrínseco. A Bíblia é encarada prioritariamente como um livro de promessas, de bênçãos, de fórmulas para a solução de problemas, e não como a revelação especial na qual Deus mostra como as pessoas devem conhecê-lo, relacionar-se com ele e glorificá-lo.

Na sua releitura da Bíblia, os neopentecostais por vezes criam uma nova terminologia, muito diferente dos conceitos bíblicos tradicionais.

²⁴SILVA, 2004, p. 96

Privilegiam-se expressões como exigir nossos direitos, manifestar a fé, declarar a bênção, todos os quais apontam para uma espiritualidade antropocêntrica, ou seja, voltada para as necessidades, desejos e ambições dos seres humanos, e não para a vontade e a glória de Deus.

“Outro texto, no qual uma promessa modelo é apresentada aos fiéis encontra-se no livro de Josué: ‘Tão somente esforça-te e tem bom ânimo, pata teres o cuidado de fazer conforme a toda lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que prudentemente te conduzas por onde quer que andares(Josué 1.7). Textos como estes são os mais utilizados pelos fiéis para construir seus dados pelo fato de haver uma correspondência quase direta entre eles e a maioria das situações vividas pelos fiéis, que pretendem superá-las. A partir destes textos, pode-se facilmente compreender que porque a terra é do Senhor e os fiéis são seus herdeiros, o direito de possuí-la lhes está assegurado pelos. O segundo texto dá a receita para alcançar o resultado, reforçado pelos textos a seguir os quais radicalmente utilizados expulsam de vez da mente do fiel qualquer dúvida que por acaso pudesse ainda existir sobre seus direitos, quando afirmam que: ‘Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé será vosso. Ninguém subsistirá diante de vós.(Deuteronômio 11.24-25); O ladrão só vem para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância.(João 10.10)”²⁵

Alguns dos temas bíblicos mais profundos e solenes redescobertos pelos reformadores do século 16 são quase que inteiramente esquecidos. Não mais se fala em pecado, reconciliação, justificação pela fé, santificação, obediência. O evangelho corre o risco de ficar diluído em uma nova modalidade de auto-ajuda psicológica, deixando de ser o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê

O conceito de fé talvez seja aquele que esteja sofrendo as maiores distorções. No discurso de muitas igrejas neopentecostais , a fé se torna uma espécie de poder ou varinha de condão que as pessoas utilizam para obter as bênçãos que desejam. Deus fica essencialmente passivo até que seja acionado pela fé do indivíduo.

Mas o conceito bíblico de fé é muito mais amplo, a ênfase principal estando voltada para um relacionamento especial entre o crente e Deus. Ter fé significa acima de tudo confiar em Deus, depender dele, buscar a sua presença, aceitar como verdadeiras as declarações da sua Palavra. O objeto maior da fé não são coisas, mas uma pessoa — o Deus trino.

A teologia da prosperidade, que serve de base para boa parte da pregação e das práticas neopentecostais, é uma das mais graves distorções do evangelho. No neopentecostalismo, essa se torna a principal chave hermenêutica das Escrituras. Tudo passa a ser visto dessa perspectiva reducionista acerca do relacionamento entre Deus e os seres humanos. O raciocínio é que Cristo, através da sua obra na cruz, veio trazer solução para todos os tipos de problemas humanos. Na prática, acaba se dando maior prioridade às carências materiais e emocionais, em detrimento das morais e espirituais..

Tradicionalmente, as maiores bênçãos que o homem podia receber de Deus incluíam o perdão dos pecados, a reconciliação, a paz interior e, num sentido mais amplo, a salvação. Dentro da nova perspectiva teológica, as coisas mais importantes que Deus tem a oferecer são um bom emprego, estabilidade financeira, uma vida confortável, felicidade no amor e coisas do gênero. É uma nova versão da tese do sociólogo alemão Max Weber, segundo o qual os calvinistas buscavam no sucesso econômico a evidência da sua eleição. Os problemas da teologia da prosperidade são diversos: (a) falta de suporte bíblico — a Escritura aponta na direção oposta, mostrando a armadilha em que caem os que se preocupam com as riquezas; (b) empobrecimento da relação com Deus, concebida em termos interesseiros e mercantilistas; (c) incentivo a atitudes de individualismo, egocentrismo e falta de solidariedade; (d) tendência para a alienação quanto aos problemas da sociedade.

3.4– Avaliação da Hermenêutica Católica

As encíclicas são *Providentissimus Deus* do Papa Leão XII em 1893, e *Divino Afflante Spiritu* do Papa Pio XII em 1943, além dos documentos do Concílio Vaticano II, deram novas diretrizes ao conceito da Igreja Católica Romana acerca da Escritura. Observa-se que quando a encíclica *Providentissimus Deus* foi publicada, tinha como finalidade proteger as Escrituras das interpretações racionalistas daquele período. E,

também quando da publicação da Divino *Afflante Spiritu*, a Igreja Católica tinha como finalidade destacar a importância do uso de outras ciências na interpretação das Escrituras. Percebe-se com isso uma preocupação com o equilíbrio dos exegetas católicos, pois é necessário uma harmonização entre o uso das ciências e a devoção ao realizar a leitura bíblica.

“A Palavra de Deus encontra expressões nas palavras de autores humanos, enquanto os pensamentos e as palavras pertencem ao mesmo tempo a Deus e aos seres humanos. Contudo, Deus não deu valor absoluto ao condicionamento histórico da mensagem. Ela ainda está aberta a interpretação e atualização a fim de ser transplantada para satisfazer uma necessidade ou condição presente”²⁶

O desejo de uma renovação da Igreja Católica estava na mente do papa João XXIII quando ele convocou o Concílio Vaticano II. Desde o Concílio de Trento (1545-1563), a Igreja Católica não tinha experimentado transformação alguma em sua visão da Escritura. Por séculos ela permaneceu uma igreja estática.

Após um longo período de negligência, desde a Contra-Reforma, a Bíblia está novamente assumindo a sua função normativa nas vidas dos fiéis. Em suma, desde as encíclicas *Providentissimus Deus* e *Divino Afflante Spiritu* a liturgia de Roma tem enfatizado significativamente o uso da Bíblia, após um longo período de negligência. Todavia, ainda percebe-se que a interpretação correta das Escrituras está a cargo dos especialistas católicos.

“Aceitando as Escrituras como parte da herança da fé na Igreja e seguindo a orientação do Segundo Concílio Vaticano, a Comissão reconhece que a responsabilidade de interpretar as Escrituras autenticamente está Magistério vivo da Igreja. Com esse propósito, ele consulta exegetas, teólogos e outros experts, cuja liberdade ele respeita e cujo trabalho contribui para o objetivo comum de preservar o povo de Deus na liberdade bíblica”²⁷

Com efeito, percebe-se que embora haja um estímulo para que os leigos católicos leiam a Bíblia, ainda assim existe uma hierarquia bem definida de quem deve interpretar autenticamente as Escrituras, neste caso o Magistério da Igreja. Mas o leigo também não teria condições de interpretar autenticamente a Bíblia? Ou isso seria responsabilidade apenas dos profissionais da Bíblia?

²⁶FITZMYER, Joseph A. *A Bíblia na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 97

²⁷FITZMYER, 1997, p. 94

A estes profissionais da Bíblia, de acordo com as orientações da Igreja católica, precisam zelar por alguns princípios na tarefa de interpretar as Escrituras, as quais são importantes para a realização da exegese bíblica.

“Quatro pontos se destacam: 1) os exegetas devem respeitar o caráter histórico da revelação bíblica, pois os dois testamentos têm a marca das épocas variadas da revelação divina do próprio Deus e de seu plano de salvação e por isso devem usar todos os meios de interpretação disponíveis; 2) os exegetas devem se lembrar que estão interpretando a Palavra de Deus e chegar a sua meta somente depois de ter explicado o sentido do texto bíblico como palavra atual de Deus, fazendo uso de princípios hermenêuticos apropriados; 3) sempre que possível, devem deixar claro o sentido cristológico dos textos bíblicos. Embora os escritos veterotestamentários não tenham perdido valor, adquirem sentido especial por estarem assumidos na proclamação do evangelho e serem relacionados com o ‘mistério de Cristo’, e por isso seu relacionamento canônico é importante; 4) os exegetas têm de explicar a relação da Bíblia com a Igreja, pois a Bíblia originou-se em comunidades de fiéis: O Antigo Testamento como registro da fé de Israel e o Novo como o registro da fé das comunidades cristãs primitivas”²⁸

3.5– Avaliação da Hermenêutica Contextual

A hermenêutica da Teologia da Libertação possui muitos pontos positivos, tendo em vista que ela nasceu da percepção da presença de Deus salvador para seu povo; a necessidade de amor e justiça na sociedade moderna; e a nova leitura da Bíblia como fonte de inspiração para a prática e a mudança social.

Na história bíblica é evidente Deus se colocando sempre ao lado dos pobres e marginalizados. Por isso, as leituras bíblicas devem ser realizadas tendo também como propósito a diminuição das injustiças sociais. Contudo, observa-se que a hermenêutica da libertação possui alguns pontos os quais precisam ser revistos como: a) a hermenêutica da libertação centraliza-se em passagens bíblicas narrativas e proféticas que enfatizam situações de opressão e pedem por mudança social. Assim, é caracterizado um modo de ler a Bíblia seletivo, limitado e torna-se

²⁸FITZMYER, 1997, p. 95

unilateral, de modo que não dá atenção suficiente a textos bíblicos que possam ter outras mensagens. b) corre-se o risco de fazer da Bíblia um livro de cunho ideológico, pois muitos exegetas da libertação se inspiraram em doutrinas materialistas e, em especial, pelo princípio marxista de luta de classes. c) a maneira de ler a Bíblia pela Teologia da Libertação enfatiza o que nela podem ser respostas para os problemas sociais modernos nesta terra, mas não diz nada sobre as dimensões transcendentais da escatologia bíblica. c) ao longo dos anos tem ocorrido mudanças sócias e políticas, por isso os exegetas da libertação precisam redefinir suas direções.

A hermenêutica da libertação afirma que o pobre é o lugar de Salvação e, por isso, a Salvação se dá por meio do pobre. Acredita-se que essa visão seja verdadeira, porém incompleta pois para a Bíblia o lugar da veracidade da teologia é toda a humanidade, com todos os seus grupos e segmentos sociais e, não apenas o pobre. Cristo veio para toda a humanidade e não apenas para os pobres, justamente porque “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”. Jesus Cristo não é o Salvador apenas de uma classe social e de um grupo social, mas de toda a humanidade. Ele não salva apenas a vida material (comer, vestir, etc), mas salva o homem em sua totalidade (vida econômica, emocional, espiritual, estética, etc).

Acredita-se também que a visão de pobreza dos exegetas da hermenêutica da libertação precisa ser ampliada. Muitas pessoas que conseguiram se libertar da pobreza, podem viver sobre novas formas de sofrimento como a depressão, o suicídio, a falta de esperança, etc.

Uma pergunta que precisa ser feita com respeito a hermenêutica da libertação diz respeito até que ponto ela realmente quer. Se realmente a Teologia da Libertação almeja libertar o pobre, porque ela apóia abertamente regimes tirânicos como Cuba e a Coréia do Norte.? Acredita-se que os exegetas da hermenêutica da libertação precisam avaliar suas posturas frente aos desafios do nosso tempo.

Assim como a hermenêutica da libertação, a hermenêutica feminista também trouxe contribuições na maneira como se lê as Escrituras, pois as mulheres sempre viveram num contexto de discriminação. Todos os esforços para que as mulheres tenham os mesmos direitos dos homens são bem vindos, todavia acredita-se que a hermenêutica feminista precisa estar em constante reavaliação de seus postulados.

“Na medida em que se fundamenta uma idéia preconcebida, corre o risco de interpretar a Bíblia de maneira tendenciosa e discutível; frequentemente tem de interpretar textos ex silentio, usando a hermenêutica da suspeita. Contudo, esse método de argumentação nunca é suficiente para uma conclusão sólida; a reconstrução feminista da cristandade, empregando essa hermenêutica e baseada em indícios fugazes discernidos no texto, permanece questionável. Não é realmente fruto da exegese e não pode substituir a história contada no texto inspirado do Novo Testamento; e será sempre uma construção hipotética, imaginada no século XX, que não pode ser considerada norma de fé e práxis cristã; esta abordagem da Bíblia origina-se com freqüência de um programa político de mulheres na Igreja. Pode ser útil à Igreja à medida que não cair nas mesmas armadilhas que denuncia, e quando não perder de vista o ensinamento evangélico sobre o poder como serviço, ensinamento dirigido por Jesus a todos os seus discípulos, homens e mulheres”²⁹

3.6 –Avaliação da Hermenêutica da Assembléia de Deus

Os primeiros pentecostais vinham das camadas discriminadas da sociedade, tendo em vista que os primeiros membros da Assembléia de Deus, eram em sua maioria pobres e negros. Eles tinham a visão de que o enchimento do Espírito Santo os tornaria especiais. Sendo assim, nos primórdios de sua fundação à Assembléia de Deus oferecia abrigo aos excluídos. A igreja era um porto seguro para aqueles que a sociedade havia jogado na marginalidade econômica e social. No espaço religioso, viam-se protegidos de um mundo hostil. Além disso, a igreja lhes devolvia a dignidade que lhes fora roubada.

Tanto grupos ligados ao catolicismo e algumas igrejas evangélicas não via com bons olhos os pentecostais, pois os considerava uma seita herética, caracterizada pelo fanatismo religioso. Todavia, neste espaço os pentecostais sentiam-se importantes, pois lá podiam ser pastores, pregadores e exercer outras formas de

²⁹FITZMYER, 1997, p. 65

liderança, nas quais não teriam oportunidade fora do espaço religioso. Por exemplo, uma empregada doméstica convertida ao pentecostalismo trabalhava toda a casa de alguém, porém quando esta mulher chegava a noite ao culto da Assembléia de Deus podia ser líder de um departamento feminino ou uma corista do coral, tudo isso fazia com que essa mulher se sentisse especial.

Como era dada uma grande ênfase na pessoa do Espírito Santo, havia uma certa anarquia interpretativa, de modo que era esse Espírito que guiaria o leitor no entendimento e na aplicação da Escritura, rompendo com as regras da hermenêutica e da exegese. Todavia, esse tipo de hermenêutica, embora não seja a ideal, era realizada pelo motivo de que a maioria das pessoas pertencentes a Assembléia de Deus, eram desprovidas de escolaridade. Muitas nem eram alfabetizadas, por isso confiavam em uma iluminação do Espírito Santo para compreenderem as Escrituras. Sua primeira preocupação não era saber o que o autor original queria transmitir com o texto, mas o que Deus queria dizer para o leitor naquele momento.

A teologia pentecostal foi formulada por pregadores sem sofisticação acadêmica, limitados na tradição e história do pensamento cristão. Esses pregadores reivindicavam, portanto os dons sobrenaturais que os tornaria habilitados a compreender a Bíblia. Sendo assim, revelações, profecias se tornaram comuns no pentecostalismo, pois a vontade de Deus revelada nas Escrituras só seria decifrada mediante essas manifestações espirituais.

Apesar de não ter sido um movimento iniciado por teólogos acadêmicos a Assembléia de Deus espalhou-se pelo país, e tornou-se uma das mais expressivas forças da cristandade do século 20. Os pentecostais afirmavam que a experiência com Deus, o encontro místico, transforma. Destes encontros, o servente de pedreiro, a empregada doméstica, o subempregado, se descobrem amados e leitos de Deus. Segundo os pentecostais, cada pessoa cheia do Espírito Santo sai ao mundo como mensageiro de Deus. Com isso, todos quantos se convertiam na Assembléia de Deus eram motivados a se tornarem pregadores, expositores da Bíblia. Apesar disso favorecer a democratização das Escrituras, percebe-se que estes mesmos novos pregadores não eram incentivados a matricularem-se em seminários teológicos com o objetivo de se aperfeiçoarem. O motivo

era de que o crente cheio do Espírito Santo já seria necessário para que ele pregasse sobre a Bíblia. Centenas de cultos nas praças foram realizados pelos pregadores pentecostais. Como não tinham muito preparo teológico, valorizavam mais a emoção do que a razão.

Diante disso percebe-se que a hermenêutica da Assembléia de Deus, ainda carece de amadurecimento, tendo em vista que nos primeiros anos da denominação no Brasil o estudo formal das Escrituras em seminários e faculdades teológicas não foram realizados. Apesar disso existem muitos grupos da Assembléia de Deus que dão grande valor ao estudo formal da Bíblia.

Com efeito, existe uma polarização entre aqueles que usam os recursos das ciências a fim de interpretar as Escrituras e aqueles que ainda dependem de uma iluminação do Espírito Santo para que haja um entendimento adequando da Bíblia. Este último grupo tem a tendência de alegorizar o texto bíblico, não levando em consideração a intenção original do autor bíblico. É preciso que haja uma harmonização destas duas posições, com o objetivo de conscientizar os leitores da Bíblia na Assembléia de Deus que a Bíblia é a Palavra de Deus escrita nas palavras de homens.

A leitura e interpretação das Escrituras na Assembléia de Deus não é monopolizada por um grupo de especialistas em exegese bíblica, com isso a leitura da Bíblia é democratizada entre os membros. Com efeito, a leitura da Bíblia é incentivada. Todavia, não basta apenas saber quantos estão lendo a Bíblia, mas também como essa leitura tem sido realizada. Por isso, acredita-se que se os leitores da Assembléia de Deus saberem harmonizar os recursos da exegese com a devoção espiritual que lhe são característicos, a denominação tenderá a desenvolver-se ainda mais no cenário evangélico brasileiro.

Depois do que foi exposto haveria a possibilidade de um diálogo ecumênico entre as hermenêuticas aqui apresentadas? Acredita-se que sim, pois, percebe-se que este diálogo já aconteça mesmo que não seja reconhecido. Por exemplo, tanto a hermenêutica Católica, hermenêutica contextual e a hermenêutica da Assembleia de Deus, em algum momento usam o método histórico crítico. Há também semelhanças entre a hermenêutica católica com a hermenêutica da Assembleia de Deus. Ambas, em sua história debatem a necessidade de conciliar a exegese científica com a fé, na interpretação da Bíblia. Acredita-se que até mesmo a hermenêutica neopentecostal tenha algo a ensinar. Por

exemplo, os exegetas do método histórico crítico podiam aprender com os exegetas do neopentecostalismo que o significado de um texto não se esgota em seu sentido literal, pois o mesmo precisa se atualizar e ser capaz de interpretar a vida do homem moderno.

4 – CONCLUSÃO

A leitura da Bíblia é realizada de forma diferenciada nos diversos segmentos do cristianismo, como se observou nessa pesquisa. Mesmo dentro das próprias instituições como a igreja católica, por exemplo, há uma diversidade de maneiras como se lê as Escrituras. Outro exemplo é a Assembléia de Deus, a qual existe uma diversidade de hermenêuticas.

Verificou-se que o método-histórico crítico trouxe avanços na interpretação da Bíblia, ao introduzir a utilização de demais ciências como a arqueologia e a história na exegese, no entanto, esse método é caracterizado pelo academicismo e historicismo e uma falta de aplicabilidade prática em seus resultados.

A hermenêutica neopentecostal, por causa de sua ênfase na aplicação da Bíblia é individualista, autônoma e exclusivista, de modo a não considerar regras básicas na interpretação da Bíblia.

Percebeu-se que o magistério da igreja católica, ao longo dos últimos anos, preocupou-se em definir os pressupostos de sua hermenêutica, de modo a utilizar recursos auxiliares na interpretação bíblica, sem menosprezar a devoção como característica essencial ao exegeta.

Por lado a hermenêutica contextual surgiu como uma voz no meio cristão contra as desigualdades sociais, de modo que os exegetas dessa hermenêutica preocupam-se em diminuir o sofrimento de grupos marginalizados como pobres, negros e mulheres.

A igreja Assembléia de Deus, presente no Brasil, a quase cem anos, apesar de não ter sistematizado sua hermenêutica, possui suas peculiaridades na interpretação das Escrituras, de modo que há uma valorização no cultivo de uma devoção para que se possa interpretar corretamente às Escrituras. Com efeito, em alguns momentos os hermeneutas da Assembléia de Deus, tendem a interpretar a alegorizar os textos bíblicos.

No entanto, percebeu-se que é possível um diálogo entre essas hermenêuticas, o que já acontece na prática, mesmo que implicitamente e, também é a maneira como os pais da igreja liam as Escrituras podem dar contribuições às hermenêuticas aqui estudadas.

5 - REFERÊNCIAS

Bíblia de Estudo Esperança. São Paulo:Vida Nova, 1998

Bíblia de Estudo Esperança. São Paulo:Vida Nova, 1998.

Carta viva do missionário R.R. Soares, número 69, agosto de 2001.

ceccgadb.blogspot.com >. Acesso em: 18 outubro de 2010

CHAMPLIN, R.N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2004.

DREHER, Martin N. **Bíblia suas leituras e Interpretações na História do Cristianismo**. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

ERKHOF, Louis. **Princípios de Interpretação Bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã

FIORENZA, Elisabeth Schussler. **As Origens cristãs a partir da mulher**. São Paulo: Paulinas, 1992.

FITZMYER, Joseph A. **A Bíblia na Igreja**. São Paulo: Loyola, 1997, p. 97

Folha Universal, 17 a 23 de agosto de 2003

FRESTON, Paul. **Nem anjos nem demônios**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MATOS, Alderi Souza. **Fé Cristã e Misticismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

MOTA, Myriam Becho. **História das Cavernas ao Terceiro Milênio**. São Paulo: Moderna, 2005

NICODEMUS, Augustus Lopes. **A Bíblia e Seus Intérpretes**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004

OBREIRO. Rio de Janeiro: CPAD, 2000-. Trimestral

Os cristãos frente a dívida externa e à dependência econômica. Boletim Teológico, n.13, 1990.

Os Estudos Bíblicos em Novas Perspectivas. Belo Horizonte: FAJE, 1999.

PELLETIER, Ane-Marie. **Bíblia e Hermenêutica hoje**. São Paulo: Loyola, 2006, p. 65

Revista de Cultura Bíblica. São Paulo: Loyola, 1993.

Revista Os Estudos Bíblicos em Novas Perspectivas. Belo Horizonte: FAJE, 1999.

ROCHA, Adruschin Shaeffer. **Respostas a Religiosidade Evangélica Brasileira**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a Graça**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

SARACOO, N. **As opções libertadoras de Jesus**. Belo Horizonte: Visão Mundial, 2004.

SILVA, Dionísio Oliveira. **O Comércio do Sagrado**. Paraná: Descoberta, 2004, p. 94

STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** São Paulo: Vida Nova, 1984.

SUNG, Jung Mo. **Desejo, Mercado e Religião.** Petrópolis: Vozes, 1998.

Teologiae gracia.blogspot.com>. Acesso em: 18 outubro de 2010

VI, Paulo. **Dei Verbum: Constituição dogmática sobre a revelação divina.** São Paulo: Paulinas, 2007.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica Avançada.** São Paulo: Vida, 1999.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento.** São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 20